



Entrevista: Alexandre Garcia

paraná cooperativo

Ano 2
Número 15
Outubro/2005

Rua Mateus, 575 - 80530-010 - Curitiba - PR - www.ocepar.org.br



C.VALE

**Produtividade, sanidade e
qualidade são diferenciais
do cooperativismo do PR**

Comece
bem o
seu dia.



A Frimesa, sempre pensando em você, acaba de elaborar mais 4 delícias: **iogurtes em copo**. De consistência cremosa, em 4 maravilhosos sabores e de indiscutível qualidade, eles foram feitos especialmente para te fazer companhia a qualquer hora do dia.
Aproveite e já comece bem o seu dia.
Comece com iogurtes Frimesa.



Tem gosto de amizade.

www.frimesa.com.br

Aftosa: comprometimento é a palavra de ordem



João Paulo Koslovski
Presidente do
Sistema OCEPAR

Ainda é cedo para contabilizar os prejuízos econômicos para o Brasil com a confirmação da existência de focos de febre aftosa no Mato Grosso do Sul (MS). O Paraná foi amplamente prejudicado com esse problema, primeiro por causa das suspeitas da presença da doença em fazendas que adquiriram animais com origem no MS. Segundo, em função de sua proximidade geográfica com os focos da doença.

O pior é que o Paraná está sendo prejudicado mesmo tendo feito o dever de casa, que foi adotar todas as medidas necessárias para evitar que nossos rebanhos fossem afetados pela doença. As instituições públicas e privadas, organizadas no Conesa e Fundepac, vêm conduzindo, há mais de dez anos, um programa modelo de sanidade agropecuária que inclui a vacinação e o controle de trânsito de animais. A formação de um fundo para indenizações aos pecuaristas no caso de sacrifício dos animais com aftosa também foi fruto de um trabalho de conscientização junto ao setor

agropecuário.

Mas, como o vírus da aftosa está presente na América do Sul, fomos surpreendidos pela notícia de focos no MS, com repercussão altamente negativa, inclusive para o Paraná.

Agora que o estrago está feito, que lições podemos tirar desse episódio?

Precisamos, em primeiro lugar, reforçar as ações conjuntas com as autoridades sanitárias federais e estaduais.

Em segundo lugar, as ações de integração devem ultrapassar nossas fronteiras, envolvendo autoridades máximas dos países na valorização do Centro Panamericano de Febre Aftosa (Panaftosa), que deve coordenar as ações de combate à doença em toda a América do Sul.

Por fim, é preciso rever e melhorar as exigências sanitárias para a circulação de animais entre os Estados, quer para o comércio ou participação em feiras e exposições, pois essa é uma das principais portas de entrada da doença.

No entanto, nenhuma medida poderá ser adotada se o Ministério da Agricultura não tiver, em

seu orçamento, os recursos necessários para a adoção das medidas preventivas. E, além de orçados, esses recursos devem ser liberados em tempo hábil.

O recente episódio da aftosa mostrou que a atitude de alguns governantes tem sido, infelizmente, de “matar a galinha dos ovos de ouro”. Apesar do Brasil ter obtido, em 2004, mais de US\$ 2,4 bilhões com exportações de carne bovina, o governo liberou apenas 2,5% dos R\$ 109,9 milhões previstos em orçamento para os programas de sanidade animal a serem executados pelo Ministério da Agricultura.

Daí, concluímos que ainda falta a visão da importância dos programas de sanidade, o que está colocando em risco exportações de US\$ 2,78 bilhões previstas para este ano.

Não adianta apenas chorar sobre prejuízos concretos. É preciso tomar atitudes preventivas, pois a aftosa nos deu uma amarga lição, que jamais devemos esquecer e, por isso mesmo, exige o efetivo comprometimento de todos na execução do programa sanitário agropecuário do País.

Desafios do crescimento

O cooperativismo tem se mostrado como uma alternativa viável na sustentação dos mais diversos ramos de atuação econômica e social, seja no campo ou na cidade. Muitos são os exemplos nos quais a união de um pequeno grupo de pessoas passou a ser diferencial de sobrevivência, muitas vezes, num mercado extremamente competitivo.

Garantir margens rentáveis para os cooperados e defendê-los das distorções do mercado são desafios diários desse sistema. No ramo agropecuário, no qual a concentração estende-se com voracidade e o equilíbrio muitas vezes escapa ao alcance dos pequenos e médios agricultores, a união passa a ser condição fundamental na busca de uma estabilidade econômica e social.

E nesse sentido, as cooperativas mostram que podem reverter situações de estagnação econômica e dar um novo impulso à atividade agropecuária. Exemplos não faltam, como o leitor poderá conhecer na reportagem especial deste mês que relata as experiências de sucesso das cooperativas da Região Oeste do Paraná, que encontraram na avicultura o caminho para diversificar, agregar valor e melhorar a qualidade de vida de seus associados.

Com estratégia, investimento e trabalho, o cooperativismo mudou o perfil econômico de dezenas de municípios, gerou renda, empregos e tributos. Em dez anos, cinco cooperativas investiram mais de R\$ 1,1 bilhão na atividade avícola.

Os resultados não deixam dúvidas sobre o sucesso dos empreendimentos: metade da produção de frango da região Oeste, 21% do total produzido no Paraná, sai de seus complexos industriais. Aproximadamente 3,5 mil cooperados, mais de 7 mil empregados dos associados e, ainda, cerca de 11,5 mil empregos das fábricas das cooperativas dependem diretamente da atividade avícola. No global, são 77 mil pessoas dependentes direta ou indiretamente da avicultura conduzida pelas cooperativas paranaenses.

Além de mantermos as atuais conquistas, o desafio agora é evitarmos que doenças, tais como gripe aviária, não passem a fazer parte desta realidade. Para tanto, necessitamos concentrar esforços para que, em conjunto, cooperativas, produtores, entidades de classe e governo, federal, estadual e municipal redobrem o monitoramento.

Boa leitura!

6



Entrevista: Para o jornalista Alexandre Garcia, Lula não soube aproveitar a popularidade que as urnas lhe conferiu em 2002. A sorte é que a economia vai bem, mas o governo nem tanto



10

C.Vale investe na diversificação dos pequenos produtores e viabiliza o desenvolvimento de municípios da Região Oeste do Paraná

18



Após dez anos sem a presença da doença, pecuaristas paranaenses ficam alarmados com a possibilidade da volta da aftosa

32 Crise na Agricultura: deputados, senadores e lideranças do setor agropecuário avaliam, em Brasília, prejuízos da agricultura em 2005

Diretoria da Ocepar
2003/2007

Presidente:
João Paulo Koslovski

Diretores:
Alfredo Lang
Frans Borg
Luiz Roberto Baggio
Luiz Lourenço
José Otaviano de Oliveira Ribeiro
Sérgio Luiz Panceri
Luiz Carlos Misurelli Palmquist
Leocir Sartor
Almir Montecelli
Áureo Zamprônio
Valter Pitol
Dilvo Grolli
Edvino Schadeck

Conselho Fiscal:
Titulares:
Jaime Basso
Miguel Rubens Tranin
Nelson Canan

Suplentes:
Gaspar de Geus
Luiz Francisco Gianini
Antônio Sérgio de Oliveira

Superintendente:
José Roberto Ricken

Superintendente Adjunto:
Nelson Costa

Diretoria do SESCOOP-PR
2003/2006

Presidente:
João Paulo Koslovski

Conselho Administrativo:
Alfredo Lang
Guntolf van Kaick
Josiany de Fátima Rolo
Luiz Lourenço

Suplentes:
Frans Borg
Juacir João Wischneski
Célia Hoffmann
Sérgio Luiz Panceri

Conselho Fiscal:
Titulares:
Orestes Barrozo Medeiros Pullin
Eurico Woitowicz
Gabriel Nadal

Suplentes:
Jacir Scalvi
Carmen Tereza Sagheti Reis
Francisco Augusto Sella

Superintendente:
José Roberto Ricken

EXPEDIENTE

Revista Paraná Cooperativo - Editada pela Assessoria de Imprensa do Sistema Ocepar/Sescoop-PR. **Coordenação:** Samuel Z. Milléo Fº (DRT/PR 3041). **Redação:** Eloy Setti, Maria Duarte e Ricardo Rossi. **Apoio:** Cleide de Paula. **Fotos:** Imprensa Ocepar. **Conselho Editorial:** João Paulo Koslovski, José Roberto Ricken, Nelson Costa, Flávio Turra, Gerson Lauermann, Leonardo Boesche, Samuel Zanello Milléo Filho, Eloy Setti. **Diagramação, fotolito e impressão:** Editora Paranaense. **Redação:** Rua Mateus Leme, 575, CEP 80530-010, Centro Cívico, Curitiba - Paraná. **Telefone:** (41) 3352-2276 / (41) 3352-2080. **Endereço Eletrônico:** imprensa@ocepar.org.br **Página na Internet:** www.ocepar.org.br. **Capa:** Coodetec/Marcos Piaia. **As matérias desta publicação podem ser reproduzidas, desde que citada a fonte.**

20



Ocepar reúne presidentes de cooperativas paranaenses para debater a crise política e os possíveis reflexos na economia e na vida do País

24



Missão de dirigentes de cooperativas paranaenses, liderada pela Ocepar, visitam a União Européia em busca de novas oportunidades de negócio

28



Para superar dificuldades e entraves sobre direito cooperativo, juízes e desembargadores federais estiveram reunidos, em Curitiba, a convite da OCB e da Ajufe

37 Ramo Transporte: OCB cria Conselho Especializado para fortalecer cooperativas

40 Desenvolvimento Humano: agentes de cooperativas avaliam trabalho e projetam 2006

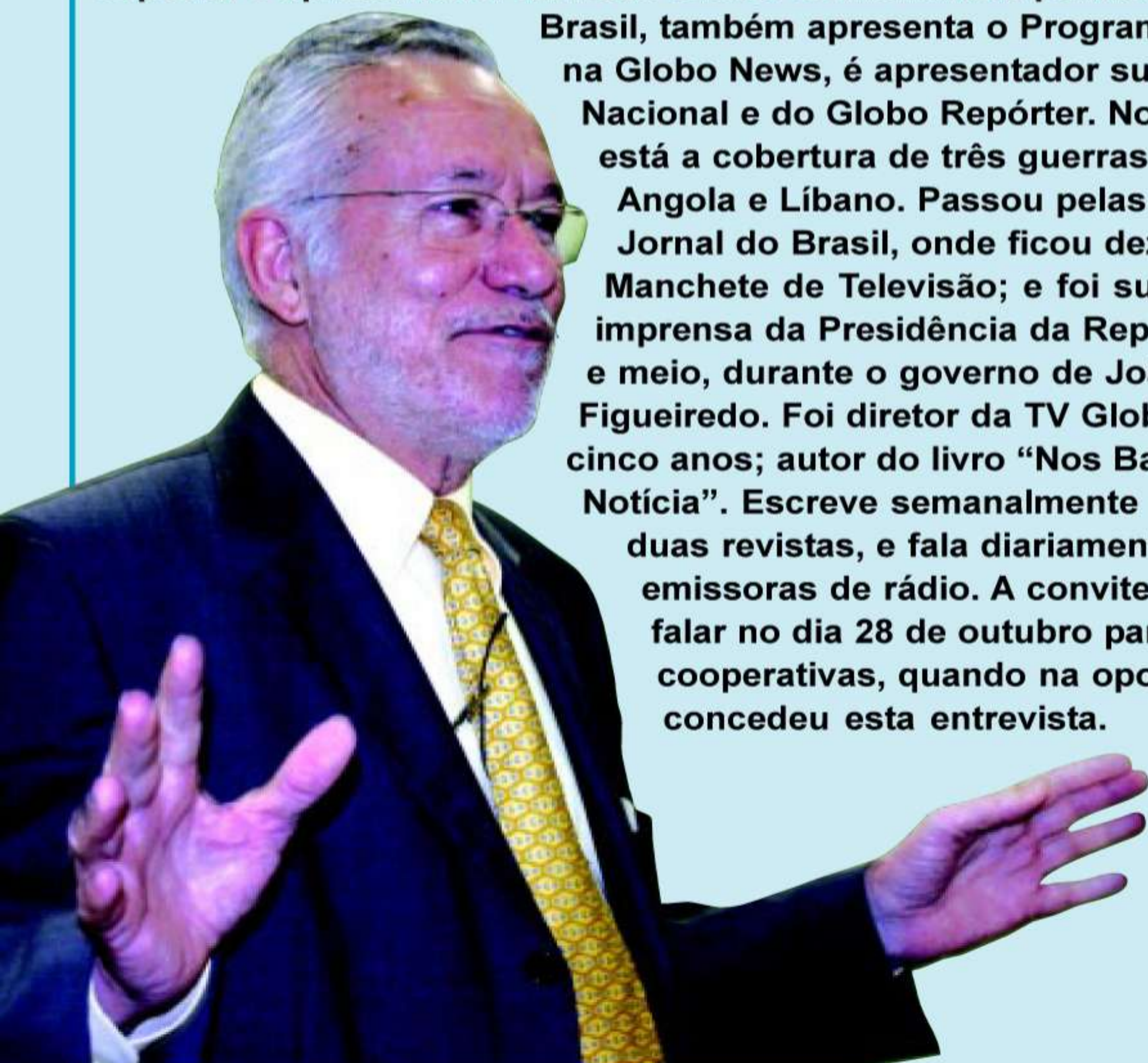
Alexandre Garcia

Jornalista da Rede Globo de Televisão

A economia está blindada, o governo não

A trajetória profissional deste gaúcho, de Cachoeira do Sul, começou logo cedo, aos 7 anos, quando seu pai, locutor de uma emissora de rádio, chamou-o para interpretar uma criança em uma radionovela, ao vivo. Nascia ali o gosto pela profissão que acabou se confirmando anos mais tarde, quando concluiu o curso de jornalismo pela PUC (Pontifícia Universidade Católica) de Porto Alegre (RS). Falamos do jornalista Alexandre Garcia, que atualmente é repórter especial e apresentador da Rede Globo. Comentarista político no Bom Dia

Brasil, também apresenta o Programa Espaço Aberto, na Globo News, é apresentador substituto do Jornal Nacional e do Globo Repórter. No seu currículo, está a cobertura de três guerras – Malvinas, Angola e Líbano. Passou pelas redações do Jornal do Brasil, onde ficou dez anos; pela Rede Manchete de Televisão; e foi subsecretário de imprensa da Presidência da República por um ano e meio, durante o governo de João Baptista Figueiredo. Foi diretor da TV Globo em Brasília por cinco anos; autor do livro “Nos Bastidores da Notícia”. Escreve semanalmente para 43 jornais e duas revistas, e fala diariamente para 110 emissoras de rádio. A convite da Ocepar, veio falar no dia 28 de outubro para presidentes de cooperativas, quando na oportunidade nos concedeu esta entrevista.



Paraná Cooperativo – Como você analisa o jornalismo? Qual é o papel da imprensa nesse momento político que o País vive?

Alexandre Garcia – O jornalismo ficou um pouco amordaçado, na época do governo militar, eu digo um pouco até porque o jornalismo econômico não era amordaçado. Eu fazia jornalismo econômico, tinha inteira liberdade. Ninguém se metia. Era mais do lado político. No final do regime militar, houve uma certa explosão, digo até que a imprensa foi meio irresponsável. Ela tomou partido. Um exemplo foi o caso Tancredo Neves versus Paulo Maluf. Nós, jornalistas, tomamos partido do lado do Tancredo no Colégio Eleitoral. Houve algumas injustiças, como aquele caso do Abi Akel. Eu mesmo, como representante da Rede Globo, fui pedir desculpas por uma série de reportagens que nós fizemos sobre ele com informações erradas. Houve excesso de liberdade. Mas hoje as coisas caíram na normalidade, com os próprios jornalistas criticando a classe toda vez que se erra. Temos um papel fundamental junto aos novos promotores, com os novos delegados, buscando moralizar o País, que está uma vergonha!

Paraná Cooperativo – E a questão da ética profissional?

Alexandre Garcia – Graças ao PT, nós passamos a ter uma exigência ética. O PT começou a falar em ética e acabou sendo a primeira vítima disso. A imprensa está tendo um papel muito importante, tanto que as CPIs existem porque houve pressão do jornalismo em nome da opinião pública. Em nome do País.

Paraná Cooperativo – Com a experiência de quem já viveu nos bastidores do poder, qual análise que você faz da situação política que vivemos no País?

Alexandre Garcia – O Lula teve quase 53 milhões de votos. O NÃO (do Referendo de 23 de outubro) teve mais de 59 milhões de votos. Além do mérito da ques-

tão, que é o fato da pessoa querer ter a sua própria defesa, o Referendo foi um pouco “plebiscitário” também. Foi um troco que os eleitores deram pela frustração de sua confiança. O Lula em três eleições mostrou que tinha 20 milhões de votos. Aí ele aparece com 53 milhões. Foram 33 milhões adicionais de pessoas de centro, como eu. Eu fui um dos eleitores de Lula que apostou na bandeira da ética. Num



“

Eu fui um dos eleitores de Lula, que apostou na bandeira da ética. Num partido que era levado a sério

”

partido que era levado a sério. Que parecia não ser apenas uma legenda, um rótulo, mas era um partido mesmo, de verdade. Sustentado por seus militantes, pagando dízimo como se fosse uma religião. Apostamos num homem, não como o an-

terior, que tinha uma cultura de biblioteca, mas num homem que tinha cultura de rua, que aprendeu sofrendo, que passou fome. Então, essa maioria de eleitores, 61% no segundo turno, imaginou que seria uma nova era no País. Principalmente de moralização dos costumes políticos e administrativos. E foi o extremo oposto. Tudo aquilo que criticavam no Fernando Henrique, eles têm sido perfeitos na execução.

É claro que o Brasil tem credibilidade no exterior. Tem atraído investimentos, embora ultimamente tenha perdido para Colômbia, México, Tailândia, Indonésia. Só que o Lula frustrou no lado social, que todo mundo achava que um partido socialista fosse dar ênfase para o social, mas deu ênfase só na saliva, só no discurso. Na prática, os trabalhadores ainda estão esperando os milhões de empregos ou a melhoria salarial. O País passou um ano sem crescer.

Paraná Cooperativo – Onde foi que Lula errou?

Alexandre Garcia – No primeiro ano de governo, o Lula não soube aproveitar a popularidade que tinha ao ganhar a eleição. Eu fico imaginando o Emílio Garrastazu Médici, que foi o mais duro dos generais, que pegou a conquista do Tri do Brasil na Copa do Mundo no México e soube faturar. O Brasil cresceu durante três anos de 10 a 11%. O Lula não soube, ele perdeu essa possibilidade, de unir o País em torno do seu governo. Passou-se um ano

sem ninguém criticar o governo e ele não aproveitou isso. Aí veio o segundo ano e o Brasil cresceu porque as pessoas perceberam que a política econômica era confiável, voltaram a investir. Elas tinham parado de planejar no segundo semestre de 2002, porque não sabiam o que ia acontecer no ano seguinte. Quando perceberam que podiam confiar, o risco Brasil caiu de 2.500 pontos para 300 e poucos pontos, o País cresceu quase 5%. Na verdade, foi uma soma de crescimento de 2003 e 2004. Mas o governo não aproveitou isso tam-

bém. Então, se misturaram as coisas e apareceu o Waldomiro Diniz na história. O governo ainda conseguiu arquivar o escândalo, graças ao Sarney, que era o presidente do Senado. Ele botou na gaveta.

Paraná Cooperativo – Que atitude o governo deveria ter tomado naquela ocasião das denúncias contra José Dirceu?

Alexandre Garcia – Devia ter discutido logo aquele assunto Waldomiro Diniz. Preferiu colocar o cadáver no armário. Agora, abre com Roberto Jeferson se julgando desamparado pelo Palácio do Planalto, joga tudo no ventilador e os fatos confirmam o que ele dizia, ou seja, que tinha um grande esquema de distribuição de dinheiro, provavelmente dinheiro estatal junto com dinheiro da Getec, de negociata de bingo, com dinheiro para campanha, envolvendo milhões e milhões em operações, que fazem a “Operação Uruguai” do Collor parecer coisinha de criança. Muito mais grave porque envolve estatais. Naquele tempo, o Paulo César Farias tirava dinheiro de empresas privadas. Então hoje a gente está vivendo uma crise política muito grande, que é uma espécie de depuração porque se quer ética a qualquer preço. Até o caixa 2, que era comum, ninguém mais aceita. E a economia aprendeu a se blindar. Tanto que finge que o Antonio Palocci, Ministro da Fazenda não era o coordenador da campanha de Lula, e era. Ele era o chefe. Mas todo mundo aceitou as explicações do Palocci porque ninguém quer mexer na economia, como ninguém quer mexer no Lula nesse ano. Porque está muito cedo fazer um mártir. Coitadinho do operário.

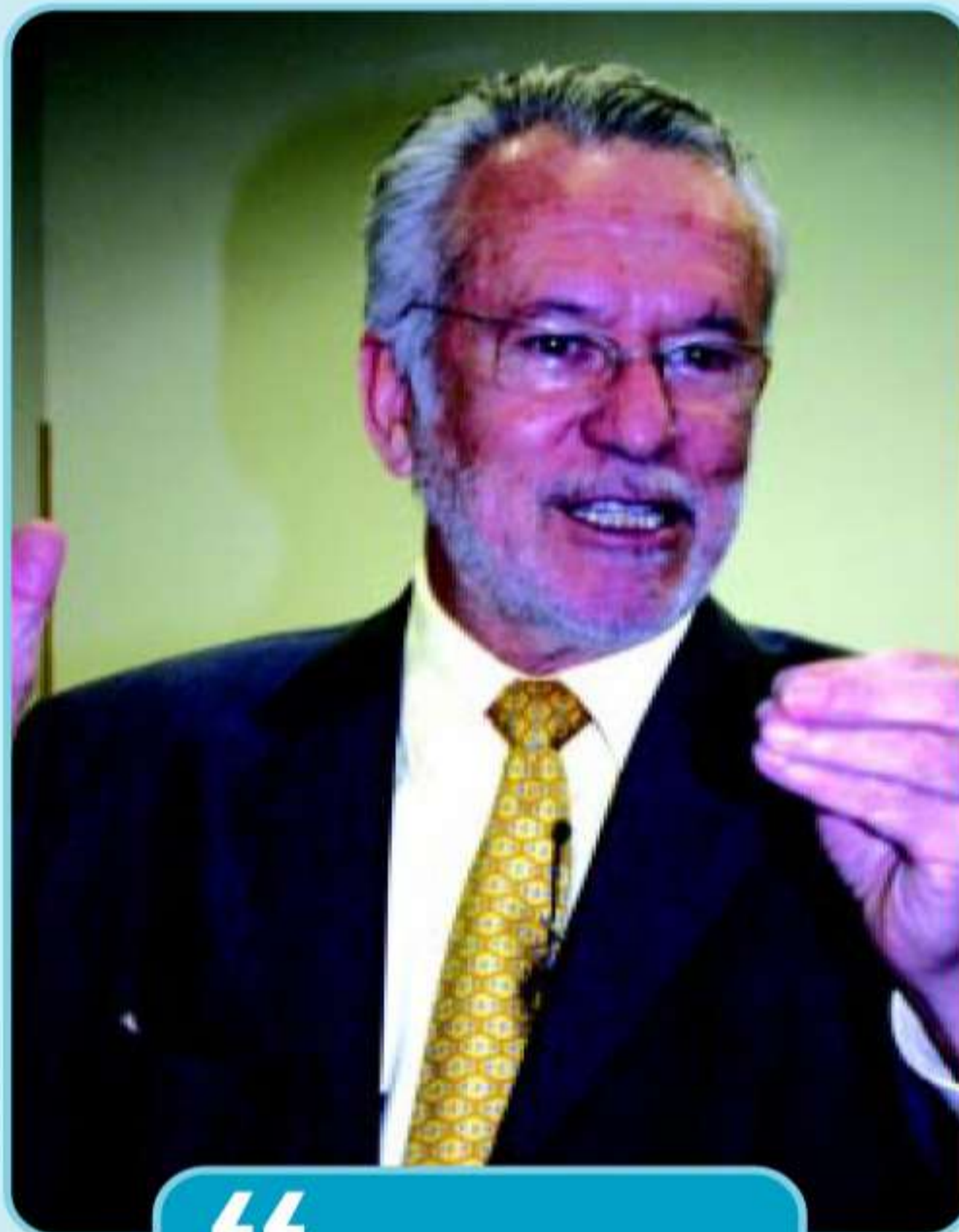
Paraná Cooperativo – E os reflexos da crise nas eleições do ano que vem?

Alexandre Garcia – Tudo o que a oposição quer é a continuidade dessas CPIs, que sejam empurradas para o ano que vem, ano eleitoral. Aí estoura lá em

meados do ano e descobrem que não era só o José Dirceu o chefe do Delúbio Soares, mas que o Lula também sabia de tudo. A oposição aposta nisso.

Paraná Cooperativo – Se Lula for candidato, quem seriam os prováveis adversários?

Alexandre Garcia – Eu duvido que seja o José Serra. PSDB não tem candidato ainda. Se ganhar o PT ou o PFL a política econômica não vai mudar. Já o Anthony Garo-



“

Na prática, os trabalhadores ainda estão esperando os milhões de empregos ou a melhoria salarial

”

tinho é uma espécie de candidato dos anos 50. É o oposto do Brasil moderno. Talvez o Geraldo Alckmin, afinal os paulistas estão muito satisfeitos com ele. Pode ser um nome. O PMDB pode ter o Nelson Jobim e não o Garotinho, ou pode ter, quem sabe,

Germano Rigotto (Rio Grande do Sul).

Paraná Cooperativo – Com uma aliança PSDB-PMDB a nível nacional o PT ficaria isolado?

Alexandre Garcia – Por enquanto quem está isolado é o PMDB. E o PMDB quando isolado só tem feito fiasco. Lembra do Dr. Ulysses Guimarães que fez 3% o Orestes Quércia também fez 3% e perdeu até para o Enéas. O Ulysses e o Aureliano Chaves juntos fizeram 5% dos votos. Já o PT tem uma história, uma tradição de ter candidato próprio e sofrer reveses terríveis.

Paraná Cooperativo – O comportamento do eleitorado tem demonstrado que já estamos sabendo conviver com a democracia no País?

Alexandre Garcia – O Brasil deu uma amadurecida, blindou a economia, e o governo aprendeu que uma política econômica tem que continuar mesmo que o Presidente mude. Ao mesmo tempo o eleitor amadureceu. Vejamos o Referendo, no qual a campanha do SIM, que utilizou diversos artistas como cabos eleitorais, perdeu para o NÃO. Prova de que o eleitor está mais maduro. Ele vem amadurecendo há muito tempo. Isso é bom. Isso é democracia, tomara que esse amadurecimento traga bons resultados para o País e que o Brasil descubra enfim algumas coisas, por exemplo como é essa tal globalização. China, Índia, Rússia já descobriram o que é, mas o Brasil não descobriu ainda. O Brasil é um País iso-

lado, amarrado pela burocracia. Amarrado pelos impostos e está perdendo esta corrida. Éramos quatro: Índia, China, Rússia e Brasil, como prováveis potências em 2005. A gente não está entendendo esta globalização. A gente tem medo de mercado. O Chile, um país pequeno, adora mercado. O México esteve em Brasília e falou: Opa! Eu sou Mercosul também, quero ser alguma coisa no Mercosul porque é mercado para mim. O novo mundo é pragmático.

Paraná Cooperativo – E nessa relação conturbada entre o Legislativo e o

Executivo, quem mais perde?

Alexandre Garcia – Eu costumo dizer que o PT leu Karl Marx, mas esqueceu de ler Maquiavel. Comete erros estratégicos incríveis. Por exemplo, chamar a MP tributária de “MP do Bem”, aí na hora de votar engavetam. Significa que eles mesmos não querem fazer o bem? O Lula adere ao SIM na hora que o SIM está despencando. Como disse a Maria Lúcia Barbosa, socióloga de Londrina: o Lula com isso vinculou uma derrota do SIM a uma derrota dele. E se tornou especialista em duas modalidades de tiro: tiro no pé e tiro pela culatra. Ela escreveu isso outro dia. Essa história de arquivar o Waldomiro Diniz quando era para abrir tudo, falar para a sociedade: nós também queremos investigar, somos o partido da ética. O governo não tem um planejamento claro de estratégia de governo, nem de política, nem de realizações. Foi uma decepção nacional muito grande o PT. Por isso que eu digo, os remanescentes, os éticos, vão ter que rebolar. E se eles ainda forem ideológicos, estarão sendo tão antiquados quanto o Garotinho, que é fisiológico. Mas fisiologia e ideologia não cabem mais no mundo de hoje. O mundo de hoje é de pragmatismo. Falar na Alca (Área de Livre Comércio das Américas) e dizer: OK, onde a gente pode tirar vantagem? Tem que saber. A Alca é o maior mercado do mundo e nós não vamos querer? Aí, tem os ideólogos da política externa, antiquados, que dizem ser o capitalismo do Bush. O Bush é um mal para os EUA, é um mal para o mundo. Mas espera aí, tem lá um mercado em potencial, nós não estamos julgando o Bush, nós queremos vender para os americanos. Vamos vender móveis para os americanos. Imagine só o que esses caras vão comprar de móveis da gente. Mas o Brasil está com medo de entrar na Alca.

Paraná Cooperativo – O bom momento econômico não pode pesar na hora do veredicto final das CPIs?

Alexandre Garcia – Não, a blinda-

gem da economia é tal que ela resistiria até a saída do Palocci. E se o governo Lula enveredasse por um caminho de populismo, todo mundo botaria a boca no trombone. O Lula sabe disso. Se ele entrar no populismo, ele enterra a possibilidade de ser candidato à reeleição. Ele tem feito vários discursos dizendo: não esperem que o meu governo tome medidas demagógicas, eleitoreiras. Tomara que isso



“

A meu ver, no cooperativismo está faltando um pouco mais de comunicação, jornalistas trabalhando dentro do sistema

”

se configure na prática.

Paraná Cooperativo – Qual é a visão que você tem do cooperativismo?

Alexandre Garcia – Teve uma época em que o Brasil parecia ter vergonha de ser um País agrícola. Foi na época da

industrialização. As nossas maiores conquistas vêm da terra. Vêm da carne, do açúcar, da soja, sucos, etc. O Brasil agora está percebendo a importância da agricultura. Um amigo me disse que o Lula é um excelente Presidente porque consegue governar apenas com quatro ministros, os outros não existem. Um deles é o Roberto Rodrigues, da Agricultura, depois vem o Luiz Fernando Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, o Antônio Palocci e o

presidente do Banco Central, Henrique Meirelles segura a inflação, embora com juros altos. Esses aí é que estão tocando o País e o Lula está olhando. Há uma percepção clara de que a agropecuária é responsável por isso também. E dentro da agropecuária, com toda a modernidade que vemos, o fazendeiro usa computador, tem percepção de tornar a agricultura uma empresa. O caminho é a empresa agrícola grande ou cooperativa, que é a alternativa para a união desses produtores. A sobrevivência dos pequenos é a cooperativa. Ou vai virar somente atividade de subsistência a agricultura familiar. E a gente está vendo que onde viceja mais o setor primário é onde tem muita cooperativa. O governo reconhece isso, todo mundo reconhece isso. Aliás, eu queria aproveitar para lembrar aqui que, a meu ver, no cooperativismo está faltando um pouco mais de comunicação, um pouco mais

de jornalistas trabalhando dentro do sistema, porque é um sistema muito pouco conhecido fora da região Sul, onde ele é mais pujante. No eixo São Paulo-Brasília, só sai notícia do cooperativismo em jornais especializados, como Gazeta Mercantil, de vez em quando, Jornal do Comércio do Rio, mas muito pouco para aquilo que o cooperativismo representa para o Brasil. Falta dizer a dimensão disso. É uma força que precisa ser ouvida, ela tem as suas reivindicações. Investir mais em comunicação, eu diria. ■

Diversificação e desenvolvimento

**Cooperativismo
impulsiona economia
da Região Oeste**

Em pouco mais de quatro décadas, a C.Vale Cooperativa Agroindustrial firmou-se como uma das mais importantes cooperativas agropecuárias do País. Atuação que ultrapassou os campos da região Oeste do Paraná e fomentou o desenvolvimento em inúmeros municípios de Santa Catarina, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. Atualmente, a cooperativa conta com mais de 7.740 cooperados, gera 4.070 empregos diretos e faturou R\$ 1,2 bilhão em 2004.

Com forte participação nos segmentos soja, milho, trigo, mandioca, leite e suínos, a C.Vale apostou na diversificação para ampliar a rentabilidade de seus associados. Trabalho que se materializou no complexo avícola da cooperativa. Localizada no município de Palotina, sua planta industrial tem 52 mil m² de área

construída e capacidade de abate que chegará a 300 mil frangos/dia em 2006.

Desde 1996, quando as obras do complexo foram iniciadas, a atividade avícola fixou-se como importante instrumento de diversificação e geração de renda, respondendo hoje por cerca de 19% do faturamento total da C.Vale. Investimentos que sem dúvida impulsionaram a economia regional. O frango deu origem a agroindústria e virou sinônimo de emprego e rentabilidade para pequenos e médios produtores. E, nesse contexto, as cooperativas do Oeste tiveram participação essencial. Metade da produção de carne de frango desta região sai das unidades agroindustriais da C.Vale, em Palotina, Copacol, em Cafelândia, Coopavel, em Cascavel, Lar, em Matelândia, e Copa-

gril, em Marechal Cândido Rondon. Juntas, abatem mais de 18 milhões de aves ao mês.

Percorrendo a região, margeando extensas áreas de lavoura, é possível perceber o avanço da atividade avícola, uma alternativa rentável de diversificação nos campos paranaenses. Dezenas de aviários surgem ao longo do caminho – em modernas instalações com temperatura e umidade controladas por comandos eletrônicos – muitos deles manejados por jovens e senhoras. Famílias inteiras encontram no frango um meio de sustento com rendimentos mais constantes e menos sujeitos às oscilações do clima e dos mercados, que tanto afetam as culturas da soja, trigo e milho.

A expansão da avicultura no Oeste está diretamente associada aos inves-

Agroindústria gera milhares de empregos no interior

timentos e estratégias de diversificação fomentadas pelas cooperativas. De acordo com estudos do Sistema Ocepar, desde 1996, quando passaram a atuar com mais intensidade no segmento, as cinco cooperativas da região investiram cerca de R\$ 1,1 bilhão na atividade. Os resultados não deixam dúvidas quanto ao sucesso dos empreendimentos. Juntas, respondem por 21% da produção total de carne de frango do Paraná.

“O trabalho desenvolvido pelo sistema cooperativista para promover diversificação e geração de renda no campo ganhou força com a avicultura”, afirma o presidente do Sistema Ocepar, João Paulo Koslovski. “Pequenos e médios produtores encontraram na atividade uma alternativa para fugir da dependência de *commodities*, como soja, milho e trigo, e passaram a ter uma garantia de receita a curto prazo”, explica o dirigente.

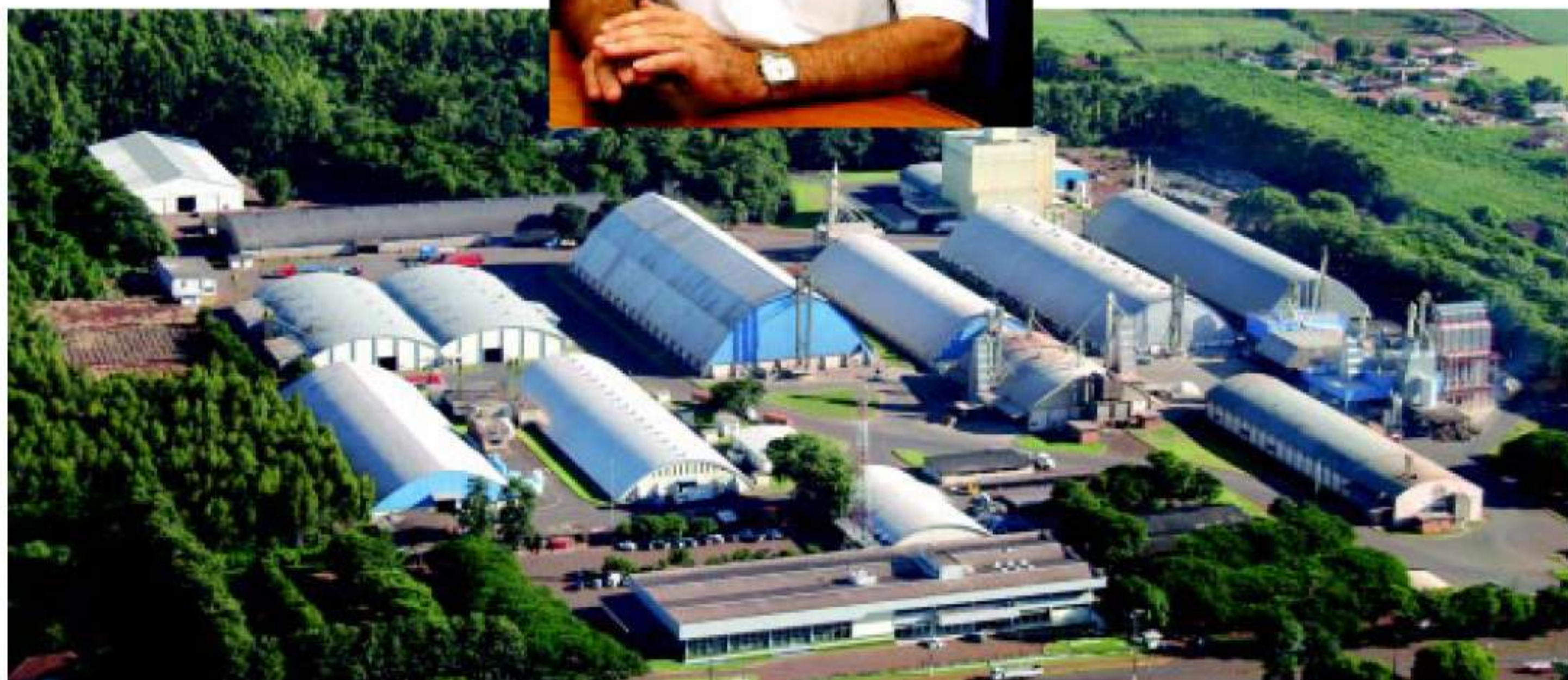
A produção do frango, ou seja, transformar grãos (milho e soja) em proteína animal, fez com que o valor agregado da atividade nas cooperativas aumentasse, ampliando assim a arrecadação de tributos nas prefeituras do interior do Estado, gerando milhares de empregos em



todo o Paraná. “Com a produção de frangos, o agricultor passou a ter um faturamento mais constante. A cada 55 dias recebemos pela entrega do lote. No caso da soja e do trigo, os repasses demoram meses para acontecer”, relata o agricultor Ângelo Grava, cooperado da C.Vale no município de Assis Chateaubriand, oeste paranaense.

A receita constante e sem variações excessivas é resultado da política de

preços das cooperativas, que absorve as oscilações de mercado e concede estabilidade ao produtor, uma situação rara no agronegócio brasileiro. Na estratégia de diversificação das fontes de renda no campo, o frango está entre as atividades que melhor desenvolveu-se no agronegócio paranaense. Para muitos produtores, a avicultura representa a própria sustentabilidade econômica. Na propriedade da família Grava, de 26 alqueires, o aviário rende – a cada lote de 17 mil aves – cerca de R\$ 4 mil líquidos. O dinheiro é dividido entre os irmãos Ângelo e José e o pai, Nésio. Com sua cota, Ângelo está custeando os estudos das duas filhas e faz planos para o futuro. “A avicultura tem sido uma alternativa de renda fundamental e não descartamos a possibilidade de construir um segundo aviário nos próximos anos”, afirma.



Sede administrativa e estrutura operacional da C.Vale, em Palotina e, no detalhe, Alfredo Lang: cooperativas redistribuem benefícios de forma equilibrada

Para ser grande, C.Vale investe nos pequenos

No jogo pesado do mercado internacional, as cooperativas brasileiras mostraram força e competência. “O bom desempenho das exportações, que garante a manutenção e expansão do número de cooperados integrados como a família Grava de Assis Chateaubriand, exige das cooperativas investimentos constantes e muita organização e trabalho”, diz João Paulo Koslovski, presidente do Sistema Ocepar. Do total do R\$ 1,1 bilhão investido nos últimos nove anos, as cooperativas paranaenses destinaram R\$ 750 milhões para melhoria e desenvolvimento dos processos de produção e manejo, pesquisas, vigilância e prevenção sanitária, desenvolvimento de rações, construção de abatedouros, treinamento, logística e prospecção de novos mercados.

São investimentos como os realizados pela cooperativa, que mudaram o perfil econômico de Palotina e de muitos municípios próximos. O projeto dela para o segmento avícola tem por objetivo alcançar, até 2010, a marca de 500 mil frangos abatidos por dia. Desde 1996, cooperativa e cooperados investiram mais de R\$ 480 milhões em avicultura.

Segundo Alfredo Lang, presidente da C.Vale, quando o projeto estiver encerrado os aportes realizados na atividade, principalmente na ampliação do complexo avícola, somarão cerca de R\$ 700 milhões. “Atualmente, estamos

abatendo 210 mil aves ao dia. Até o fim de 2006 estimamos chegar a 300 mil aves/dia”.

De acordo com ele, a decisão de concentrar forças na avicultura foi resultado de estudos que apontaram a atividade como a mais adequada para promover diversificação e gerar renda entre os cooperados. “O perfil de nosso quadro social foi determinante, já que 41% dos associados têm propriedades com menos de 10 hectares e 83% possuem menos de 50 hectares. Precisávamos criar alternativas rentáveis para estes pequenos agricultores”, lembra Lang.

Com área física limitada, as produções de suínos, leite e frango são apostas viáveis para estes produtores, que assim ficam menos vulneráveis ao mercado de *commodities*, como a soja e o trigo, suscetível ao clima, às pragas, à concentração e à especulação. “A reação lógica foi investir na transformação de milho e soja em proteína animal, agregando valor à produção primária”, explica o presidente da C.Vale. “De todos os projetos no agro-negócio, a avicultura é o que tem maior retorno social, pois envolve em sua ca-

deia um enorme contingente de pessoas, gerando empregos e redistribuindo benefícios de forma equilibrada”, prossegue Lang. Um bom exemplo da preocupação com a qualidade das aves produzidas pela C.Vale são seus modernos matrizeiros, localizados em uma área de reflorestamento de 1,4 mil hectares onde o acesso é rigorosamente controlado, o que garante elevado nível de sanidade aos plantéis.

Segundo dados do Sindiavipar, a avicultura emprega diretamente cerca de 50 mil pessoas no Paraná. Só nos complexos avícolas das cooperativas do oeste, são gerados mais de 11,5 mil empregos diretos, ou 23% do total. Na C.Vale, dos 4.070 funcionários, 2.865 atuam no segmento avícola.

O moderno complexo fabril localizado em Palotina foi projetado para atender a todos os requisitos dos mercados internacionais. “Todos os equipamentos e a infra-estrutura de nossa indústria foram planejados com foco voltado às exportações. Na maior parte do tempo, a remuneração é maior nas vendas externas. Hoje,





Acesso a matrizeiros da C.Vale é rigorosamente controlado, o que garante elevado nível de sanidade às aves

a diferença chega a 20% em comparação ao mercado interno”, avalia Lang.

Com 57% da produção destinada às exportações, a cooperativa tem por meta atingir o percentual de 70%. Atualmente, o frango da cooperativa é distribuído em 22 países, entre eles Japão, Alemanha, Inglaterra e Holanda. “A conquista destes mercados movimenta a cadeia produtiva e tem reflexos entre os cooperados integrados. A atividade avícola evita o êxodo rural e melhora a qualidade de vida dos agricultores. Muitos produtores não sobreviveriam cultivando somente grãos, diante de tantas frustrações climáticas e de mercado”, conclui Lang. Em 2006, a C.Vale iniciará a operação da unidade de cortes industrializados. Com investimento de R\$ 60 milhões, a nova fábrica destinará a totalidade de sua produção, 14 mil toneladas ao ano, para o mercado externo. “Vamos atuar também no nicho de produtos prontos, com cortes cozidos, fritos e assados para serem preparados no microondas. Dependendo do mercado, poderemos chegar a 21 mil toneladas/ano”, finaliza.

Cooperativas exportam 50% da sua produção de frango

Atividade que gera renda e fluxo de capital para o produtor, a avicultura tornou-se um dos destaques do agronegócio nacional, alcançando o Brasil a condição de maior exportador de carne de frango do mundo. Em 2004, a participação do País no mercado internacional foi de 43%, ante os 33% de 2003. Os embarques para o exterior foram superiores a 2,4 milhões de toneladas, de uma produção total que cresceu 8,3% e chegou a 8,5 milhões de toneladas no ano passado. O faturamento das exportações foi superior a US\$ 2,6 bilhões, que apontou para um crescimento de 44%.

No Paraná, os embarques geraram receita de US\$ 683 milhões. Os índices do ano passado serão supera-

dos em 2005. De acordo com dados do Sindicato das Empresas Avícolas do Paraná (Sindiavipar), de janeiro a setembro, o Paraná exportou mais de 582 mil toneladas, obtendo receita de US\$ 668 milhões, alta de 25,20% em comparação ao mesmo período de 2004.

A abertura de novos mercados na Ásia, principalmente China e Coreia do Sul, e circunstâncias favoráveis do mercado motivadas pelas excelentes condições sanitárias dos plantéis brasileiros fizeram disparar as vendas. Nas cooperativas, em média 50% da produção é exportada. O desafio agora é manter-se no topo no mercado internacional. Para isso, os programas de prevenção e zoneamento sanitário precisam ser concretizados com urgência.

Cooperativismo na avicultura

Copacol

Abates: 300 mil/dia.
Empregos: 4.500
Cooperados na atividade: 790
Faturamento: 57%

C.Vale

Abates: 210 mil/dia.
Empregos: 2.865
Cooperados na atividade: 500
Faturamento: 19%

Lar

Abates: 155 mil/dia.
Empregos: 2.109
Cooperados na atividade: 500
Faturamento: 24%

Coopavel

Abates: 150 mil/dia.
Empregos: 1.700
Cooperados na atividade: 450
Faturamento: 9%

Copagril

Abates: 50 mil/dia.
Empregos: 722
Cooperados na atividade: 50
Faturamento: 9%

**Os dados do faturamento correspondem ao percentual sobre a receita total da cooperativa*

As cooperativas respondem por metade da produção avícola da região Oeste e 21% do total produzido no Estado do Paraná



Família Grava:
diversificação deu
maior rentabilidade
para pequenos
produtores

Garantia de renda e futuro

Na propriedade de 26 alqueires dos Grava, na localidade de Gleba Silveira em Assis Chateaubriand, a avicultura é garantia de renda e sustentabilidade econômica. Três núcleos familiares dos Grava ganham o sustento na propriedade, que produz principalmente soja e milho. Há cinco meses o pai, Nésio, 72 anos, e os filhos, Ângelo e José João, resolveram construir um aviário semiclimatizado de 100x12 metros, com capacidade para alojar 17 mil aves.

Segundo Nésio, a iniciativa surgiu da necessidade de ampliar o rendimento da propriedade, já que o cultivo de grãos sofreu duro revés neste ano, com a estiagem e os preços em queda. “O aviário é mais tranquilo porque não depende de sol e chuva. É mais estável”, compara.

Financiado em cinco anos, através das linhas de crédito do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), repassadas pelo Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) e pelo Sicredi/PR, com juros de 8,75% ao ano, o aviário dos Grava exigiu investimento de R\$ 150 mil. Conforme estudos da C.Vale, o retorno do capital investido acontece em oito anos. “Estamos pleiteando linhas de crédito com prazos de oito ou mais anos, o que poderia ampliar o número de produtores na avicultura”, explica o dirigente cooperativista Alfredo Lan. Nesse sentido a Ocepar tem trabalhado junto ao BNDS e ao Ministério da Agricultura, para ampliar o prazo de pagamento ao programa de investimento para oito anos.

Num trabalho no qual organização e manejo criterioso fazem a diferença no resultado final, o aviário dos Grava não poderia estar em melhores mãos. Boa parte das tarefas diárias da atividade é realizada pelas mulheres da casa: Euzi, esposa de Ângelo, e suas filhas, Angélica (17) e Mariana (13), que já dominam a atividade. Quando não estão estudando, as meninas colaboram com os pais na manutenção do criadouro de aves. “Não exige força física e as tarefas no aviário são legais”, diz Mariana. “Mesmo estudando, queremos manter sempre viva a ligação com o campo, nunca esquecendo de nossas raízes. A cidade muitas vezes é só ilusão”, conclui Angélica, que está cursando o primeiro ano da faculdade de Ciências Sociais.



Investimentos de R\$ 200 mil em fábrica de pães e massas

Multiplicação de empregos e oportunidades

A expansão do complexo avícola da C.Vale transformou a vida de pequenos comerciantes e empresários de Palotina e região. Quando passou a entregar quatro refeições ao dia para funcionários do matreiro, em 1996, o proprietário de restaurante Paulo Cezar Cantu não imaginava os resultados que a atividade lhe renderia. Hoje, a empresa de Cantu fornece 2.450 refeições ao dia para o complexo avícola. “Crescemos junto com a cooperativa. Quando começamos, todo o trabalho era feito em família, por meus pais, eu e minha esposa. Hoje, temos uma equipe de 49 funcionários”, relata Cantu. De acordo com dados do Sindiavipar, mais de 500 mil

pessoas no Paraná estão direta ou indiretamente relacionadas à cadeia produtiva do frango.

“A avicultura tem uma importante função socioeconômica. Ao distribuir renda com mais equilíbrio, dá mais sustentabilidade ao produtor e gera empregos e tributos às cidades”, afirma Lang.

E se depender de Cantu, a expansão vai continuar. O empresário está investindo R\$ 200 mil na construção de uma fábrica de massas. “Já estamos em fase de testes operacionais e deveremos iniciar em breve a comercialização de massas de macarrão e pastéis. Pretendemos contratar mais 12 funcionários”, conclui.

Mandioca também é produto de exportação

Agroindustrialização para gerar diversificação e renda para seus associados. Foi com este objetivo que a C.Vale colocou em operação, em 2002, a Amidonaria Navegantes, no município de Assis Chateaubriand. A indústria, que pode processar até 400 toneladas de raiz de mandioca ao dia, utiliza conceitos e tecnologia inovadores, como separação das áreas sujas (raiz) e limpa (amido).

O amido produzido na indústria é comercializado no Brasil e no exterior, e utilizado no branqueamento de papel. A unidade beneficia 800 produtores cooperados e emprega 107 pessoas, parte delas do próprio município.

Tributos que geram desenvolvimento

Os investimentos das cooperativas na avicultura impulsionaram a economia dos municípios da região Oeste. Dados da Ocepar mostram que a atuação das cooperativas no segmento avícola gera mais de 11 mil empregos diretos no Paraná. Número que corresponde a 23% do total de 50 mil vagas criadas pela cadeia produtiva do frango no Estado, segundo informações do Sindiavipar. Somente o complexo avícola da C.Vale, localizado em Palotina, tem 2.865 funcionários.

No município, cuja população aproximada é de 26 mil habitantes, 20% da arrecadação de tributos é resultado direto da atuação da C.Vale na atividade avícola. “A agroindustrialização do frango agregou valor à produção local e gerou milhares de empregos. Comércio, indústria e serviços tiveram grande impulso, com o surgimen-

to de empresas periféricas, fábricas de implementos, manutenção e limpeza, entre outras”, explica o prefeito Elir de Oliveira. Por mês, a avicultura rende ao município em média R\$ 600 mil em impostos.

Segundo Oliveira, o desafio agora é melhorar a infraestrutura da cidade e qualificar a mão-de-obra local. “A agroindústria mudou o perfil econômico de Palotina. Temos que criar oportunidades de estudo e preparação para os jovens, e também diminuir o déficit habitacional, hoje estimado em 1.500 moradias”, afirma.

Por iniciativa da C.Vale, os tributos que incidem sobre a atividade avícola são repassados para oito municípios da região.



Para o prefeito Elir de Oliveira, a cooperativa C.Vale revigorou a economia do município de Palotina

“O ICMS agregado, cobrado sobre o processo de transformação do frango, é redistribuído de forma proporcional à quantidade entregue para todas as cidades que compõem nossa área de ação”, explica Lang. ■

Desativadora de soja e fábrica de ração

Situada no complexo da C.Vale, em Palotina, a desativadora tem capacidade para processar 500 toneladas de soja por dia. A produção é repassada à fábrica de ração, que pode produzir até 80 toneladas por hora. O insumo não contém ingredientes de origem animal, sendo preparado na forma granulada ou farelada. A desativadora e a indústria de rações são consideradas estratégicas no suporte ao crescimento produtivo dos cooperados. O processo utilizado na unidade desativa a enzima tóxica da soja e permite o aproveitamento integral do grão para a fabricação de ração, sem a necessidade do beneficiamento das oleoginosas cereal por uma indústria de óleo, como acontece nos sistemas tradicionais.



Desativadora de soja permite aproveitamento integral do grão

COAMO

AJUDANDO O BRASIL A CRESCER



Com o trabalho e a união dos seus mais de 19 mil cooperados nos estados do Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul, a Coamo Agroindustrial Cooperativa é uma empresa de destaque no agronegócio brasileiro. É responsável por 3,3% da produção nacional de grãos e fibras, e um quarto das exportações das cooperativas brasileiras, estando entre as 30 maiores exportadoras do país. Esta evolução e a inclusão freqüente no ranking das Melhores e Maiores de Exame, consolida a atuação da Coamo na agregação de valor e renda a produção dos seus cooperados e também na geração de empregos, divisas, tributos e qualidade de vida a milhões de brasileiros, colaborando para o sucesso do agronegócio e ajudando o Brasil a crescer.



**Melhor do Setor Comércio na Região Sul
Melhores & Maiores 2005**

COAMO
AGROINDUSTRIAL COOPERATIVA

Sede:
Rua Fioravante João Ferri, 99 - CEP 87308-445
Campo Mourão - PR - Fone (44) 35180113
coamo@coamo.com.br - www.coamo.com.br

Aftosa

volta a assombrar o campo

Suspeita da doença derruba exportações e suspende investimentos no Paraná

Milhares de cabeças de gado sacrificadas. Fronteiras fechadas. Leite jogado fora. Mais de 40 países impuseram restrições à carne brasileira. Prejuízos incalculáveis nas exportações. Animais que deixaram de ser abatidos e funcionários em vias de perder o emprego. Pecuaristas endividados. Feiras e leilões cancelados. Isso é apenas parte do saldo que a febre aftosa vem deixando no País afora.

Onze dias depois de confirmada a doença no Mato Grosso do Sul (MS), a suspeita chegou ao Paraná, que, até o fechamento desta edição, aguardava os resultados da sorologia dos animais que está sendo realizada pelo laboratório Lanagro, do Ministério da Agricultura, em Belém, no Pará. De acordo com a Secretaria de Agricultura do Paraná (Seab), os animais suspeitos vieram do Mato Grosso do Sul e participaram da feira Expozebu, que aconteceu entre 4 e 9 de outubro, em Londrina. Foram arrematados durante a feira e deslocados para várias propriedades no Estado, dentre elas, quatro localizadas na regiões de Maringá, Amaporã, Loanda e Grandes Rios. O governo do Paraná iniciou o monitoramento e rastreamento em cerca de 70 propriedades que receberam gado do MS

nos últimos 60 dias, incluindo as fazendas vizinhas.

O primeiro foco da febre aftosa foi detectado no município de Eldorado (MS) no início de outubro e deixou as autoridades sanitárias brasileiras e do mundo alarmadas. A preocupação se justifica. Milhões foram investidos em sanidade animal e milhões engordam a balança comercial brasileira todas as semanas com a venda de carnes para outros países. O ministro Roberto Rodrigues, da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, disse no final de outubro que a estimativa de perdas nas exportações com a aftosa alcança US\$ 1,7 bilhão, durante todo o período do embargo, que o governo federal prevê durar seis meses. Para se ter uma idéia, nos últimos doze meses, o Brasil obteve US\$ 3 bilhões com as exportações de carne.

No Paraná, estado que tem 10,2 milhões de bovinos e completou dez anos livre da doença, governo, produtores e entidades representativas do setor agropecuário viram o horizonte das exportações escurecer e desencadearam uma série de medidas para preservar os rebanhos locais e minimizar os impactos na economia. Mesmo assim, a agroindústria sentiu um brusco impacto.

O diretor executivo da cooperativa Fri-

mesa, de Medianeira, Elias Zydek, explicou que, por causa da suspeita de aftosa, o projeto de expansão do frigorífico foi suspenso pelo menos até o final do ano. A cooperativa se viu obrigada a cancelar investimentos por causa do impacto que os focos da doença no Mato Grosso do Sul e as suspeitas no Paraná geraram junto aos compradores de carne suína lá fora. Os prejuízos são ainda incalculáveis na avaliação do diretor da Frimesa, cooperativa agropecuária que está no mercado internacional desde 1988 e metade daquilo que exporta vai para a Rússia, através do Porto de Itajaí, em Santa Catarina. Com o fechamento da divisa, a exportação (cerca de 500 toneladas/mês) ficou prejudicada.

O futuro ainda é incerto. Na opinião do diretor da Frimesa, os focos de aftosa no País podem implicar num retrocesso de dez anos na questão da sanidade animal. “No Paraná e no Brasil, a qualidade do trabalho sanitário diminuiu, o rigor e a segurança caíram”, disse ele, citando como exemplos a questão financeira e o número de profissionais da área. Para ele, a sanidade paranaense e brasileira ainda é vulnerável. Assim como a Frimesa, a Batavo, de Carambeí, e a Castrolanda, de Castro, sentiram o impacto, pois os pro-

dutores ficaram impedidos de enviar o leite para industrialização em São Paulo.

Críticas – O governo federal não escapou de críticas por ter reduzido o dinheiro para defesa sanitária. Este ano, o valor seria de R\$ 137 milhões, mas a verba despencou para R\$ 37 milhões. No dia 26 de outubro, o presidente da Comissão de Agricultura e Reforma Agrária do Senado, senador Sérgio Guerra (PSDB-PE), criticou o presidente Lula por ter culpado os pecuaristas e a burocracia pelos focos de febre aftosa registrados no Mato Grosso do Sul. Para ele, Lula expôs negativamente o País e cometeu uma “profunda injustiça”. Para o senador, a única conquista relevante para o setor agropecuário no atual governo é a presença de Roberto Rodrigues no Ministério da Agricultura.

O ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, admitiu que houve “relaxamento” no controle da febre aftosa no Brasil. Sem citar nomes, o ministro lembrou que já havia alertado para os riscos do reaparecimento da doença. “Eu tenho dito há muito tempo: o problema da aftosa não é saber se vai ter; é saber quando e onde vai aparecer. Eu tinha medo porque achava que havia um relaxamento da situação”, disse ao comentar o momento ruim pelo qual a agricultura vem passando nos últimos meses. Para Rodrigues, “o problema da crise é que, economicamente falando, mata gente inocente”. “Numa crise agrícola como a aftosa, tem gente boa, inocente, que paga por fatores sobre os quais ela não tem a menor responsabilidade”, comentou o ministro.

Recuperar a confiança – Preocupado agora em manter a confiança dos importadores na sua capacidade de resolver o problema, o Paraná não quer ver arruinado o esforço que, em maio de 2000, garantiu a certificação – com esforço e investimentos – como área livre de febre aftosa com vacinação. O reconhecimento foi concedido pela Organização Internacio-



Pessuti, que é veterinário, abre a segunda etapa de vacinação

nal de Epizootias (OIE), sediada em Paris, após o Estado cumprir uma série de exigências em sanidade animal. Na época, o então ministro da Agricultura, Pratini de Moraes, frisou a importância da continuidade dos trabalhos de prevenção à doença nos diversos estados produtores. Afinal, a vacinação é obrigatória para os produtores de todos os estados, exceto Santa Catarina.

Como ação complementar, o Conesa realizou cinco reuniões – Ponta Grossa, Cascavel, Umuarama, Paranaíba e Londrina –, que reuniu cerca de 2,5 mil pecuaristas, com o objetivo de mobilizá-los e sensibilizá-los para a necessidade de unir forças neste momento e imunizar 100% de todo o rebanho paranaense, seja bovino ou bubalino. Os pecuaristas têm como amparo, no caso de indenizações, o Fundo de Desenvolvimento da Agropecuária do Paraná (Fundep), que conta com R\$ 14,4 milhões disponíveis para bovinos.

A certificação coroou um trabalho que resultou em dez anos sem aftosa no Estado. Durante a reunião do Conselho Estadual de Sanidade Agropecuária (Conesa), em Ponta Grossa, o presidente da Ocepar, João Paulo Koslovski, lembrou que nesse período foram gerados 465 mil empregos no campo e na indústria, com um adicional de renda de R\$ 3 bilhões ao ano ao Paraná. O presidente da Faep, Ágide Menegu-

te, e o secretário estadual da Agricultura e do Abastecimento, Orlando Pessuti, defenderam a revitalização dos conselhos municipais e intermunicipais de sanidade agropecuária (CSAs) do Paraná, como forma de intensificar a vigilância. Valmir Kowalewski de Souza, superintendente do Ministério da Agricultura no Paraná, defende a ampliação dos trabalhos de vigilância sanitária. De acordo com ele, os principais desafios atualmente são a febre aftosa e a gripe aviária.

A Federação da Agricultura do Estado do Paraná (Faep) estimou a possibilidade do Paraná perder US\$ 900 milhões em dois anos (2005 e 2006) com o cancelamento das vendas de carnes. Nesse cálculo foi levado em conta o embargo à carne bovina e suína. No entanto, as exportações não ficarão suspensas durante todo esse período, necessariamente. ■

Cronologia em 2005:

- 10/10 – Ministério da Agricultura confirma o 1º foco de febre aftosa no MS.
- 11/10 – Brasil envia missão à OIE para explicar foco.
- 14/10 – Rússia e Cuba se unem à União Européia no embargo à carne.
- 17/10 – Três novos focos confirmados no MS.
- 20/10 – Equipe faz educação sanitária nos municípios atingidos.
- 21/10 – Suspeita de aftosa no Paraná e confirmação de cinco novos focos no MS.
- 01/10 – Conforme o cronograma do Programa Nacional de Erradicação de Febre Aftosa do Ministério da Agricultura, quinze estados mais o Distrito Federal, entre eles o Paraná, iniciaram a segunda etapa da campanha de vacinação contra a febre aftosa.

Meta: o objetivo da campanha é vacinar 161,2 milhões de cabeças de gado bovino (80% do rebanho total do País)

Crise política e reflexos na economia e no País

Para debater o cenário político econômico e os possíveis desdobramentos para o setor produtivo, presidentes de cooperativas se reuniram em Curitiba

A pesar da tão propalada estabilidade financeira que o País vive, a crise política que se agrava a cada denúncia ou depoimentos junto as diversas Comissões Parlamentares de Inquérito (CPI'S), na Câmara ou no Senado, têm deixado apreensivo o setor produtivo. Afinal, ninguém sabe dizer onde ou quando tudo isso pode acabar.

Para debater este cenário e os reflexos para a economia brasileira, o Sistema Ocepar reuniu no dia 27 de outubro, em Curitiba, 91 presidentes de cooperativas paranaenses e convidou para falar ao grupo o professor de economia da Universidade de São Paulo (USP), Alberto Borges Matias que fez uma análise da situação econômica do Brasil e os reflexos na administração das cooperativas e também o jornalista Alexandre Garcia, comentarista político do Bom Dia Brasil, que falou sobre o momento político vivido no País.

O professor Alberto Matias fez uma abordagem sobre os desafios das cooperativas dentro da palavra de ordem no mundo, que é o crescimento. Ele acredita que há espaço no Brasil para isso e o faturamento das cooperativas pode ocupar uma fatia desse crescimento. Segundo ele o cenário atual é de incertezas na área política, econômica e agrícola, onde se destacam as altas taxas de juros. Dentro desse quadro, o professor avalia que as cooperativas deveriam dar atenção especial à composição das despesas, que não podem



Presidentes acompanham palestra do professor Matias da USP

extrapolar o padrão histórico. “Não é porque a economia e as vendas vão crescer que as despesas precisam crescer também”, afirmou.

Para o professor, o sistema cooperativista brasileiro é importante do ponto de vista do aumento do bem-estar social e já viabilizou inúmeras atividades. “O Paraná é um caso específico. É importante que o cooperativismo esteja bem para continuar a fase de crescimento. De acordo com o professor, é preciso provocar um aumento na necessidade de capital de giro, e que venha ser coberto com aumento de investimentos locais, portanto, é necessário adequação”, lembrou.

Já o jornalista Alexandre Garcia fez uma

retrospectiva do cenário político brasileiro nas últimas duas décadas. Para ele o Brasil vive um dos momentos mais difíceis da sua história, aonde o governo vem sendo alvo de inúmeras denúncias de corrupção, prejudicando a administração do País. Veja nesta edição uma entrevista especial com ele onde ele aborda os principais pontos de sua palestra.

Também, durante o Fórum dos Presidentes, foi apresentado um painel sobre modelos de capitalização em sociedades cooperativas, com experiências desenvolvidas com sucesso pela Sicredi Campos Gerais, pela Castrolanda e também pela cooperativa Rio do Peixe, de Joaçaba, Santa Catarina. ■

Produtos feitos com **Amor** tem muito mais **Sabor**,
e o resultado é muito sucesso nas vendas.

3º Lugar
Marca mais
vendida



4º Lugar
Marca mais
vendida

Veja nossa linha de produtos



A MARCA DO CORAÇÃO

COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL LAR
Av. Brasília 1220 - Bairro Condá - Medianeira - PR
Fone: (45) 3264-8800 - Fax: (45) 3264-8801
SAC: 0800 45-8800 - Site: www.lar.ind.br

Audiência da Ocepar com prefeito Beto Richa



Em uma iniciativa da Uniodonto, da Federação Unimed e Ocepar, o prefeito municipal de Curitiba, Beto Richa, recebeu em audiência, no dia 26 de outubro, o presidente do Sistema Ocepar João Paulo Koslovski que, acompanhado do assessor jurídico, Paulo R. Stöberl, levou em mãos ofício solicitando a criação de um grupo de estudos, com a participação dessas entidades, para debater sobre a tributação das cooperativas do ramo saúde com relação o ISS. Segundo Koslovski, atualmente a prefeitura utiliza como base de cálculo todo o faturamento, fato que acarreta bi-tributação. O prefeito Beto Richa se mostrou sensibilizado com a causa e determinou a criação de um grupo de trabalho.

Nova Produtiva: universidade corporativa criada em Astorga

Desde agosto deste ano, está em funcionamento na Cooperativa Nova Produtiva, de Astorga, a Universidade de Desenvolvimento Nova Produtiva. O anúncio da criação da universidade corporativa surpreendeu a diretoria da cooperativa pelo número de interessados, fato que levou a realização de um processo seletivo, onde foram classificados 24 participantes. O presidente da universidade corporativa, Tácito O. Barduzzi Júnior, acredita que o capital humano define o sucesso ou o fracasso de qualquer empresa, não importando o ramo de atividade. Ele diz também que o intuito do projeto é utilizar o conhecimento para preparar pessoas para assumir novos desafios e prestar serviços de qualidade aos cooperados.

Micheletto assume presidência da Frente Parlamentar de Agricultura

O deputado federal Moacir Micheletto (PMDB-PR) é o novo presidente da Frente Parlamentar de Agricultura. A posse ocorreu durante a realização do seminário "Grito do Campo – Alerta a Nação" promovido pelas Comissões de Agricultura da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, no dia 26 de outubro, em Brasília. Micheletto afirmou que há três grandes projetos na pauta de discussões e que precisam de uma atenção especial. 1) Situação atual do endividamento do setor rural; 2) Criação de mais linhas de créditos para apoiar a produtividade e 3) Tornar mais flexível a legislação ambiental que atualmente é um fator de inibição para os produtores rurais.

Fórum Futuro 10 Paraná: a vez de Curitiba

Aproximadamente 1.200 lideranças empresariais, sociais e políticas, de 26 municípios da região Metropolitana de Curitiba se reuniram no dia 25 de outubro, no centro de eventos do Cietep/Fiep, em Curitiba, durante a realização da sétima etapa de seminários do Fórum Futuro 10 Paraná. Este evento é uma iniciativa de diversas entidades, entre elas, a Ocepar e que conta com o apoio da Rede Paranaense de Comunicação (RPC). O presidente da entidade, João Paulo Koslovski, que participou da abertura, fez questão de ressaltar que "estes fóruns são uma forma transparente e democrática, para que tanto os setores produtivos, como demais cidadãos paranaenses, possam trazer para apreciação de um grupo maior aquelas propostas que certamente manterão o Paraná no processo de vanguarda dentro do Brasil", afirma Koslovski.





Integrada 10 anos

Quem acredita na força da terra planta a sua história

Desde a sua fundação, em 1995, a Cooperativa Integrada acredita no potencial da agricultura paranaense. Graças à confiança de mais de 4.900 associados, há dez anos a Integrada realiza um grande projeto: difunde os princípios cooperativistas para milhares de produtores rurais e leva desenvolvimento econômico e social para diversas regiões do Paraná.

Cooperativa Integrada: 10 anos a serviço da agricultura paranaense





Lideranças cooperativistas com o governador Roberto Requião e o presidente da Fiep, Rodrigo Rocha Loures, na França

Segurança alimentar, qualidade e cooperação

Além de exigirem qualidade e segurança alimentar, na Europa, cooperativas se aglutinam em grandes grupos para ganhar mais escala

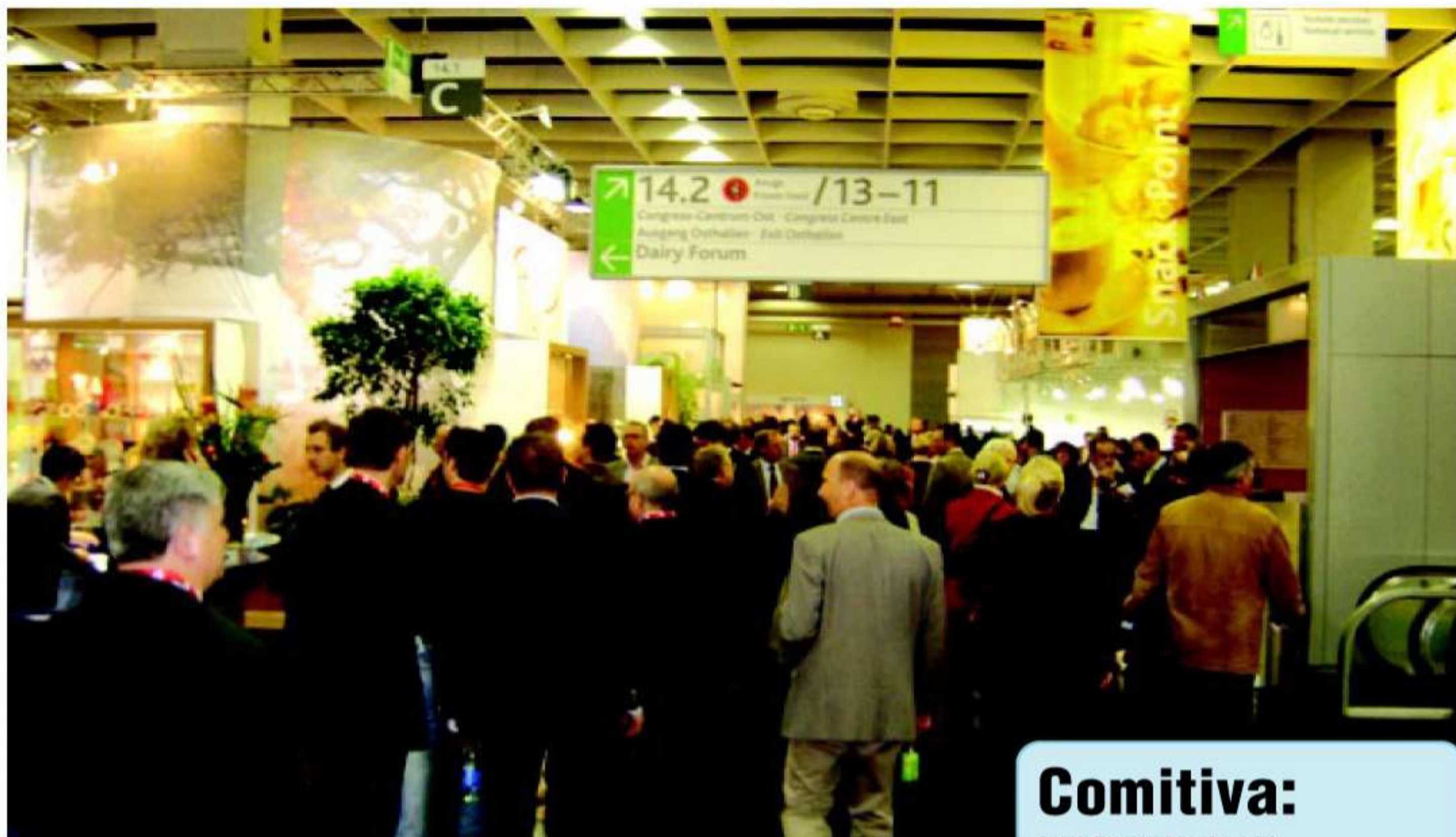
Com o objetivo de conhecer as tendências de mercado na União Européia para a próxima década e prospectar a possibilidade de novas parcerias e negócios, uma comitiva de dirigentes de cooperativas do Paraná, coordenada pela Ocepar, visitou entre os dias 8 e 20 de outubro a Alemanha, França e Dinamarca. A viagem começou com a visita à feira de Anuga, na cidade alemã de Colônia, onde as cooperativas Frimesa, Cocamar, C.Vale e Copavel montaram estandes para divulgar seus produtos. Durante a feira, os

dirigentes concentraram sua atenção aos setores de carnes, leite e derivados, que são os setores das cooperativas paranaenses em expansão e especialização.

Depois de um dia na Alemanha, a comitiva se dirigiu à França para visitas a cooperativas e participação na Semana do Paraná na França. O dia 12 foi reservado para um seminário com representantes do governo francês, empresários e de dirigentes do sistema cooperativista daquele país. Nesse seminário, que teve a participação do governador Roberto Requião e do presidente da Fiep, Rodrigo Rocha

Loures, o presidente do Sistema Ocepar, João Paulo Koslovski, fez uma apresentação sobre o cooperativismo paranaense, destacando a participação na produção, na industrialização e o crescimento dos seus produtos, tanto no mercado interno como externo. Ao falar sobre o Paraná, quando destacou a geração de energia e os investimentos na infra-estrutura, o governador Roberto Requião comentou sobre a importância que o sistema representa para a economia e disse que “o nosso cooperativismo é fantástico”.

Do lado francês falaram, durante o se-



Cooperativas paranaenses participaram com estandes na Feira de Anuga, na Alemanha

minário, o representante do Ministério da Agricultura da França, Philippe Piotet; o representante da Associação das Cooperativas Agrícolas, Etienne Rochard; e o responsável pelo Projeto de Cooperação Brasil-França, Philippe Nanassartian. O representante do Ministério da Agricultura francês discorreu sobre as reformas da política agrícola europeia ocorridas em 1992, quando havia 10 milhões de toneladas de alimentos excedentes. Essa reforma, que reduziu as despesas europeias e o orçamento comum, com o compromisso da redução dos subsídios da caixa vermelha (questionados pelos concorrentes), reduziu a zero os excedentes, acabando assim com os subsídios para a sua exportação. Em 2003, nova reforma no setor de produção de alimentos incluiu regras ambientais e cuidados com os animais. A Europa importa, atualmente, cerca de US\$ 72 bilhões em produtos agropecuários, dos quais US\$ 37 bilhões dos países emergentes. Segundo Philippe Piotet, cerca de 40% dos produtos agrícolas importados pelos europeus vêm do Brasil.

Participação das cooperativas na produção - As cooperativas francesas controlam cerca de 50% do setor de agroalimentos na França e atuam fortemente no processamento industrial,

havendo muitas parcerias com outras empresas. Entre 20 e 25% da produção são destinados à exportação, com tendência a desacelerar. Cerca de 15% das cooperativas francesas são responsáveis por 80% do faturamento total do sistema cooperativo. Os ganhos do setor alimentar têm sido muito reduzidos, segundo Etienne Rochard, representante da Associação das Cooperativas Agrícolas da França. Muitas empresas cooperativas estão buscando a realização de parcerias com cooperativas do Paraná.

O dirigente cooperativista Marc Leusie fez uma exposição sobre a cooperação entre cooperativas francesas e brasileiras, referindo-se especificamente à parceria realizada entre a Coamo e a Terrena. Para a celebração de parcerias, leva-se em conta o sistema de produção, a qualidade do produto e o preço. A cooperativa Cavac, por exemplo, paga cerca de € 8,00 a mais por tonelada de farelo de soja não-transgênica que tenha sido “segregado” da fonte de produção ao destino final.

O grupo Terrena é resultado da fusão de três cooperativas, tem 14 mil cooperados e fatura € 3 bilhões, cerca de 2/3 dos quais são provenientes de produtos colocados nos supermercados. Aproximadamente de 20% do seu faturamento é resultado das exportações para a União Euro-

Comitiva:

João Paulo Koslovski
Presidente Ocepar

Sigrid Litzinger Ritzmanann
Bibliotecária Ocepar

Valter Pitol
Presidente da Copacol

Luiz Roberto Baggio
Presidente Bom Jesus

José Otaviano Oliveira Ribeiro
Presidente Cofercatu

Ricardo Silvio Chapla
Presidente Copagril

Luiz Hoflinger
Vice-presidente Lar

Frans Borg
Presidente Castrolanda

Leocir Sartor
Presidente Camdul

Nelson José Konzen
Presidente Codepa

Luiz Lourenço
Presidente Cocamar

Celso Carlos dos Santos
Superintendente Cocamar

péia. Importa mais de 300 mil toneladas de insumos, principalmente farelo de soja (90% do Brasil). Atua com nutrição animal, carnes, insumos, distribuição de frutas e legumes, sementes de trigo, máquinas e equipamentos. Com forte presença no setor de carnes, de onde provém € 1,86 bilhão do seu faturamento, tem 15 abate-



Koslovski e dirigentes paranaenses durante negociação com cooperativa francesa

douros espalhados pela França. Também atua com aves diversas (€ 810 milhões em faturamento), bovinos (€ 750 milhões), suínos (€ 278 milhões) e coelhos. O grupo mantém um contrato com a rede de supermercados Carrefour para produção de produtos não-tansgênicos.

A comitiva paranaense conheceu também os mercados populares Monoprix, que surgiram na França na década de 1930 e dão preferência para a venda de alimentos e vestuários, cuja produção leva em consideração as questões relacionadas ao meio ambiente e ao desenvolvimento sustentável. Presente em 85% das cidades com mais de 100 mil habitantes, os mercados Monoprix privilegiam a qualidade e o respeito aos seus clientes. Sua popularização ocorreu em função da prática de preços reduzidos e da fixação visual dos preços

dos produtos, o que impedia a exploração dos clientes em função da demanda. O grupo, que tem desde magazines populares a grandes mercados, soma 360 lojas, incluindo as marcas Prisunic, Inno, Baze, entre outras.

Segurança, qualidade e tecnologia - Para o presidente da Ocepar, João Paulo Koslovski, a visita foi muito produtiva por ter deixado muito claro as condições do mercado europeu aos exportadores. “O que nos impressionou muito foi a preocupação com a qualidade e sanidade, que tem sido muito grande na Europa, fruto dos últimos problemas ocorridos na Ásia e no velho continente. A Europa estabelece mecanismos rígidos de controle da qualidade e sanidade dos produtos”, frisou. Outro ponto é a alta tecnologia utilizada na transformação de alimentos, que permite a cria-

ção de produtos com características específicas que podem se transformar num diferencial de uma marca.

Ainda segundo Koslovski, a aglutinação das forças cooperativas em poucas entidades – como no caso da Terrena, citada anteriormente – é outra característica do cooperativismo europeu. Essa somatória de forças permite aumentar a escala, reduzir custos e, assim, ganhar competitividade. Na Dinamarca, por exemplo – que será tema de reportagem da próxima edição desta revista – em 1903, havia 475 cooperativas de produção e comercialização de ovos; hoje há apenas uma. “Existe um mercado em ascensão para produtos diferenciados. Mas temos que ter tecnologia para produção de acordo com as exigências relacionadas à sanidade e segurança alimentar”, concluiu o presidente da Ocepar. ■



DNA

Copacol 1/40/5

Com a participação dos colaboradores, através de votação realizada nas reuniões de divulgação do Pacto Global, foram escolhidas as principais ações que ajudaram a construir o propósito estratégico da Copacol: DNA 1/40/5.

Estes objetivos serão concretizados até 2008, quando então, a cooperativa completar 45 anos.



Desempenho

R\$ 1 bilhão de faturamento/ano



Natureza

Recomposição de matas ciliares em 40 rios, córregos e nascentes



Aliança

Associado/Colaborador/ Comunidade: Projeto de Responsabilidade Social para atender 5 mil crianças e adolescentes

Mantendo a sua filosofia cooperativista, com uma administração profissionalizada, a Copacol enaltece em seu negócio, a missão de integrar valor à vida. Com isto, associados, colaboradores, comunidade, clientes, consumidores e demais públicos envolvidos com as atividades da Copacol, estão convidados a unir esforços para promover o crescimento do Ser Humano através do Desenvolvimento Sustentável.



Desinformação é o principal entrave para o cooperativismo

Seminário contribuiu para que os juízes federais tenham compreensão mais ampla das questões que afligem o cooperativismo e das suas soluções

O cooperativismo como um todo, sua importância, seus anseios e problemas gerados com a aplicação de legislações que não o regulam ou a ele não se aplicam, o estudo mais específico do ato cooperativo, a questão da adequada tributação, a participação das cooperativas de trabalho em licitações, a lei do colarinho branco frente às particularidades estruturais das cooperativas de crédito o papel das agências reguladoras e as cooperativas foram alguns temas debatidos durante o Seminário sobre Direito Cooperativo, realizado no Hotel Bourbon, em Curitiba, nos dias 6 e 7 de outubro. Este evento, de caráter nacional, viabilizou-se graças a uma parceria do sistema com a Associação dos Juízes Federais do Brasil (Ajufe), que também possuía um projeto semelhante e que acabou facilitando assim a concretização de um antigo anseio do Sistema OCB, o qual a Ocepar integra e que no



Seminário reuniu, além de juízes e desembargadores federais, representantes do cooperativismo



Maurique: “O sistema tem uma importância muito grande, mas nem todos os setores da sociedade têm conhecimento desse fato”



Paraná já havia realizado dois encontros com juízes. Além da Ajufe, o Seminário contou com o apoio da OCB, SESCOOP-SP, Bansicred, Bancoob e do Sistema Ocepar/SESCOOP-PR.

Durante dois dias, cerca de 60 juízes e desembargadores federais de diversos estados e representantes do sistema cooperativo nacional debateram questões jurídicas de interesse do cooperativismo e da magistratura federal, com o objetivo de esclarecer o funcionamento e a estrutura jurídica das sociedades cooperativas, visando aparar arestas de conceito e firmar entendimentos, debater teorias e a aplicação da legislação pertinente às sociedades cooperativas.

O juiz federal, professor e doutor Renato Lopes Becho, de São Paulo, um estudioso do cooperativismo, abriu o evento trazendo o tema relativo à importância e particularidades das cooperativas para a mesa de debates, já no primeiro dia. “O ato cooperativo, sob o prisma do Direito, é o ponto mais importante da matéria cooperativista. Possui uma previsão constitucional, mas não tem uma definição desejável para aplicação imediata”, afirmou Becho, que foi um dos idealizadores do seminário. Para ele, existe uma definição legal que advém de uma lei de 1971, todavia não é mais compatível com a realidade do cooperativismo contemporâneo, pois necessita de atualização.

O ato cooperativo representa a exteriorização jurídica das relações entre a cooperativa e o seu cooperado. Esse ato, explicou Becho, tem conseqüências. A principal delas é que o ato cooperativo corretamente identificado não sofre a incidência da tributação, pois é um ato interno. A tributação ocorrerá nos atos externos. Essa questão dos tributos é, atualmente, um dos maiores focos de debate jurídico na área cooperativista. Isso porque, muitas vezes, a caracterização do ato cooperativo não está inteiramente clara. Portanto, causa dúvidas sobre o que deve ser ou não tributado.

Esse é um exemplo da necessidade de tornar mais inteligíveis as regras de direito tributário que envolvem as cooperativas, bem como outras questões atuais.

Na continuidade do estudo aprofun-

dado do ato cooperativo, o advogado da OCB, Guilherme Krueger, explanou sobre as diversas teorias explicativas da matéria no mundo e no Brasil, fez importantes considerações sobre os fundamentos contidos no artigo 79 da lei 5.764/71, a proteção constitucional que goza o ato cooperativo e a própria cooperativa na Constituição Federal, e o perigo do esquecimento destas normas de proteção para o futuro do sistema cooperativo nacional. A palestra trouxe grande profundidade doutrinária demonstrando aos juízes a importância e complexidade do tema.

Um painel muito apropriado no seminário ficou a cargo do Delegado da Receita Federal de Santa Maria/RS e um estudioso e admirador do cooperativismo, Pedro Anceles, que demonstrou com gráficos a evolução do tratamento tributário atual relativo às sociedades cooperativas.

Neste sentido, o presidente da Associação dos Juízes Federais do Brasil (Ajufe), Jorge Maurique, frisou que um dos objetivos do evento foi justamente tentar superar problemas jurídicos. “O principal entrave que vejo no cooperativismo atual é a falta de informação. O sistema tem uma importância muito grande, mas nem todos os setores da sociedade têm conhecimento desse fato”, avaliou Maurique. O segundo entrave, na visão do juiz federal, é que algumas questões jurídicas não foram resolvidas ou estão mal explicadas – como é o caso do entendimento e dimensionamento do conceito de ato cooperativo e da aplicabilidade da Lei do Colarinho Branco (7.492/86), tema que concentrou as atenções no segundo dia do seminário.

A Lei 7.492/86 e a sua aplicação aos dirigentes das cooperativas de crédito dividem opiniões. Ao longo dos últimos vinte anos, advogados e juízes têm divergido sobre a legitimidade da aplicação dessa resolução às cooperativas de crédito. “Essa lei foi criada para punir crimes praticados nas instituições financeiras por seus administradores. Mas ela dá um conceito de instituição financeira amplo, considerando-a aquela que faz captação de recursos de terceiros, quem gere esses recursos”, explicou o juiz federal Francisco de Assis Betti, de Minas Gerais, um



Palestrantes, Maurique da Ajufe, Márcio Lopes de Freitas da OCB e João Paulo Koslovski da Ocepar, durante abertura.

dos palestrantes do evento. Para ele, a cooperativa, de modo geral, administra recursos, mas não seria possível a aplicação de tal legislação.

Na visão do advogado criminalista Renato Cardoso de Almeida, de Curitiba, a Lei do Colarinho Branco é incompatível com as cooperativas, porque os bancos visam o lucro, objetivo que não faz parte do cooperativismo. O advogado participou da mesa de debates e argumentou que a doutrina cooperativista, na qual está inserido o ramo crédito, tem diferenças em relação às normas de funcionamento dos bancos, daí a necessidade de tratamento diferenciado. “Elas não têm a finalidade de lucro, enquanto os bancos sim”, ressaltou o advogado.

Outro painel que causou impacto nos presentes foi a questão da possibilidade das cooperativas de trabalho participarem de licitações. O advogado Vergílio Périus tratou do tema, afirmando que existem muitos pontos críticos com relação à questão e como exemplo ele citou a falta de entendimento do que vem a ser uma sociedade cooperativa. Périus lembrou a necessidade de haver a aceitação de um direito cooperativo que

reconheça os direitos e deveres advindos da relação jurídica. Deve-se também haver uma melhoria dos editais, adequando-os à realidade socioeconômica das cooperativas e não restritos apenas às formalidades jurídicas. A idéia é não se apegar tanto aos formalismos e prestar mais atenção à realidade. “O que tem que ficar claro é a possibilidade desta participação das cooperativas nas licitações”, finalizou o palestrante.

Antes do encerramento do seminário o Juiz Becho teve a oportunidade de externar sua satisfação de ver um sonho realizado e teceu novas considerações sobre a importância do evento, afirmando que este já se constitui em um marco para o cooperativismo no congraçamento do sistema e da magistratura federal, que tem certeza da sensibilização dos participantes para o tema. Ressaltou o princípio cooperativista estampado no artigo 174, §2º da Constituição Federal. Entende que eventos neste nível devem repetir-se, conforme manifestações do plenário, nestes dois dias.

Convidado para fazer a palestra de encerramento do seminário, o presidente do Sistema Ocepar, João Paulo Koslovski, deixou bem claro que a impor-

tância do evento está diretamente relacionada à importância do cooperativismo. “Precisamos realizar com mais frequência encontros como estes, somente assim podemos ouvir os diferentes pontos de vista e também ter a oportunidade de mostrar o que representa o sistema cooperativista para a sociedade. Para ilustrar, Koslovski citou números que dão a dimensão do sistema no Paraná: cerca de dois milhões de pessoas envolvidas direta ou indiretamente com o cooperativismo, que responde por 18,2% do Produto Interno Bruto (PIB) do Estado. Koslovski defendeu a realização de outros eventos semelhantes ao seminário. “Gostaria que este fosse o primeiro de uma série de eventos voltados aos magistrados”, declarou o líder cooperativista paranaense.

Márcio Lopes de Freitas, presidente da OCB, também defendeu a realização de novos eventos. Freitas disse que a importância desses encontros é criar um raciocínio em prol do cooperativismo, pois existem dificuldades com os marcos legais no setor. Ele citou que há algumas leis ultrapassadas e grande número de medidas provisórias que acabam trazendo dificuldades para todos. ■

Perda do agronegócio é de R\$ 16 bilhões

Deputados e lideranças do setor avaliaram a crise e suas conseqüências

O presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Antônio Ernesto de Salvo, afirmou que as perdas do setor agropecuário desde o início deste ano chegam a R\$ 16 bilhões no País. Ele ressaltou que é preciso redefinir a política agrícola e lembrou que o crescimento do setor é cada vez menor. Entre 2003 e 2004, a agropecuária cresceu 20%. De 2004 para 2005, o crescimento foi de 7%. Já a previsão de crescimento para 2005 é nulo. “O governo nos trata com desdém”, disse. Salvo participou do seminário “Grito do Campo: Alerta à Nação”, realizado no dia 26 de outubro, no auditório Petrônio Portela, no Senado Federal, promovido pelas comissões de Agricultura da Câmara e do Senado e que contou também com a presença do vice-presidente da OCB e diretor da Ocepar, Luiz Roberto Baggio.

Durante o seminário, o presidente da Frente Parlamentar do Cooperativismo, deputado Odacir Zonta (PP-SC), disse que a demarcação de reservas ambientais e de novas áreas indígenas no País está prejudicando o agronegócio. Ele também defendeu a criação de uma agência reguladora do setor, a exemplo de outros parlamentares. Um projeto nesse sentido deverá ser apresentado pela Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural. Já o deputado Xico Graziano (PSDB-SP) afirmou que a criação de uma agência reguladora do agronegócio servirá para aprimorar a estrutura do Estado no setor. O projeto de lei para implementar a agência será elaborado pela Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural da Câmara, que



contará com uma consultoria da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Graziano foi encarregado pela presidência da Comissão de redigir o projeto. Segundo ele, a agência deverá ter agilidade, se antecipar às crises e apresentar as soluções antes que os problemas aconteçam.

O deputado Delfim Netto (PMDB-SP) afirmou que a queda da renda do setor agropecuário em 2005, avaliada em R\$ 16 bilhões pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), deverá repercutir em todos os setores da economia. Na estimativa do parlamentar, haverá queda da demanda global (referente aos demais setores) de R\$ 45 bilhões, o que corresponderia a cerca de 2% do PIB. Para Delfim Netto, o abandono



no da política agrícola levará o governo a um “arrependimento total” e deteriorará a situação macroeconômica do País. O deputado afirmou que a conseqüência mais grave da queda da produção agrícola em 2005 será a redução das exportações em um futuro próximo. “Tudo o que o governo pensa que está ganhando com a manutenção das altas taxas de juros ele vai perder em exportação e na redução da produção interna de alimentos”, disse.

Cooperativas paranaenses entre as “Maiores”

O desempenho das cooperativas paranaenses é destaque no ranking do jornal Gazeta Mercantil

No balanço anual da publicação, desenvolvido a partir de pesquisas feitas em 10 mil empresas, foram listados grupos e companhias com os melhores indicadores no Brasil. Com receita líquida de R\$ 3,7 bilhões em 2004, a Coamo ficou em primeiro lugar no Paraná e em 23º no ranking nacional. De acordo com o ranking, das 100 maiores empresas da Região Sul, 13 são cooperativas do Paraná. Além da Coamo, destacam-se na lista C.Vale, Cocamar, Integra-

da, Lar, Coopavel, Corol, Agrária, Copacol, Batavo, Castrolanda, Unimed Curitiba e Batávia. A pesquisa da Gazeta classificou Coamo, Cooperativa Integrada, Cocamar e C.Vale entre as dez principais empresas do País no segmento Agricultura, Pecuária e Cooperativas.

Estratégias - Na opinião do presidente do Sistema Ocepar, João Paulo Koslovski, a citação das cooperativas em avaliações de indicadores financeiros – superando grandes e tradicionais empresas demonstra a

importância crescente do setor para a economia brasileira. “Os bons resultados são consequência do trabalho engajado dos cooperados, atuando com estratégias definidas e gestão dinâmica e ativa”, conclui. As 10 maiores empresas brasileiras do segmento Agricultura, Pecuária e Cooperativas são: 1º - Copersucar (SP), 2º - Coamo (PR), 3º - Itambé (MG), 4º - Integrada (PR), 5º - Aurora (SC), 6º - Cocamar (PR), 7º - Cosan S/A (SP), 8º - C.Vale (PR), 9º - Avipal S/A (RS), 10º - Comigo (GO).

DIVERSIFICAÇÃO O caminho para a estabilidade



A base do desenvolvimento

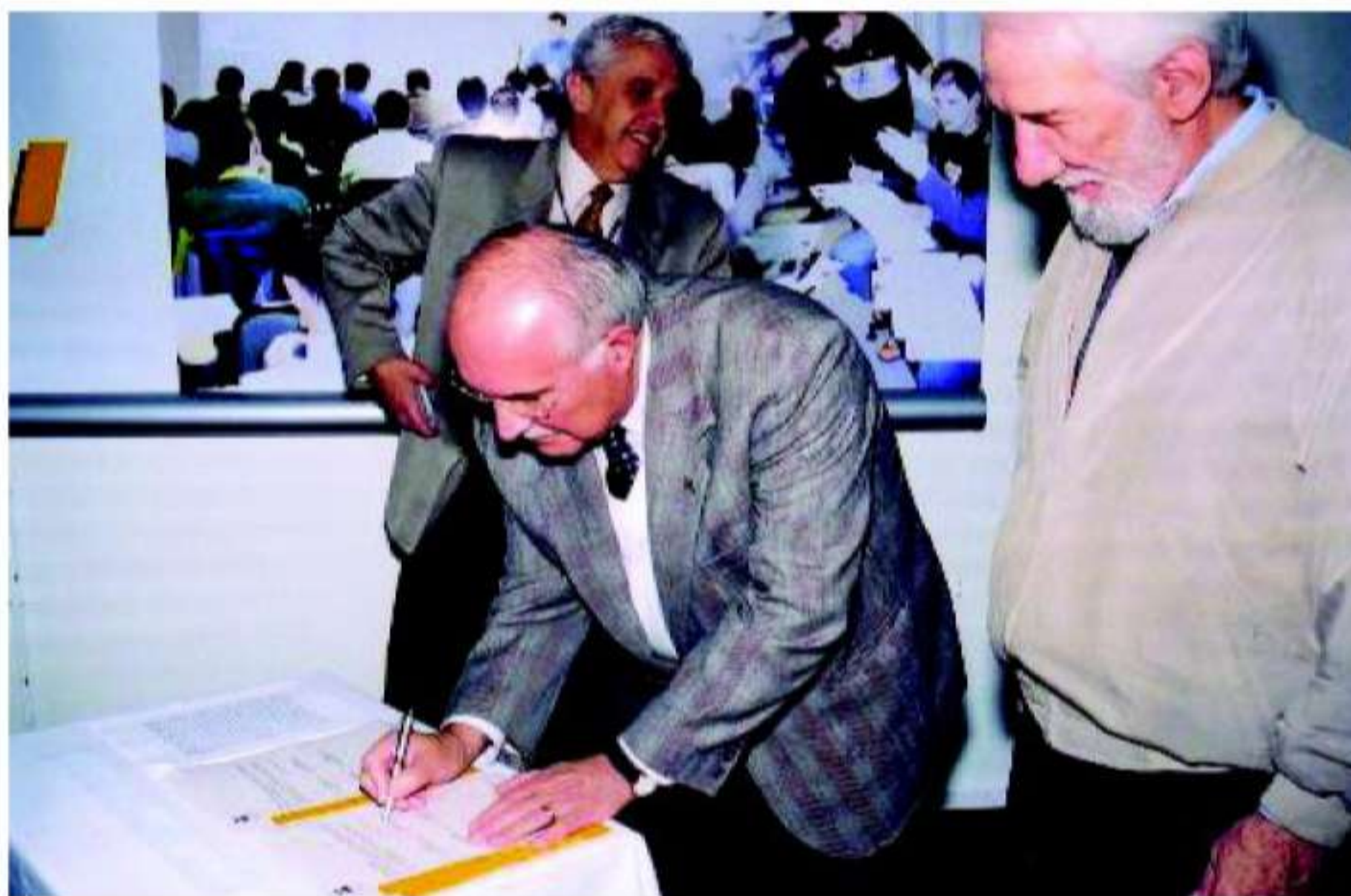
Parceria Sicredi e Senac garante formação

Melhor qualificação de caixas e atendentes para o sistema de crédito cooperativo

Foi inaugurado no dia 30 de setembro, nas dependências do Serviço Nacional do Comércio em Curitiba (Senac-PR), o Espaço Sicredi de Educação Corporativa, destinado à formação de caixas e atendentes para cooperativas de crédito. A montagem do espaço é resultado da parceria entre o Sicredi e o Senac PR, e contou com apoio do presidente da Fecomércio, Darci Piana, também presidente da Sicredi Sincocred.

Em sua mensagem de inauguração, o presidente da Central, Seno Cláudio Lunkes, afirmou que o sistema se sentia honrado “em poder usufruir desta estrutura que está à disposição da formação profissional dos paranaenses, em especial, aos colaboradores de nossas cooperativas”. Frisou também que o laboratório permitia centralizar estrategicamente em Curitiba a formação dos colaboradores. “Reputamos essencial a adequada formação de nossos colaboradores, quer nos aspectos formais e padronizados, quer no relacionamento, que é um dos nossos diferenciais”, frisou.

O Espaço Sicredi de Educação Corporativa permite a formação simultânea de 21 caixas, interligados na rede de operações do sistema, acessando uma base de dados de treinamento na Confederação em Porto Alegre. Agora, turmas contínuas de profissionais de todas as cooperativas do Paraná ocuparão a sala na busca do aprendizado e do aperfeiçoamento do seu trabalho, simulando operações reais do dia-a-dia de



Seno Lunkes assina termo do convênio com Senac, observado por Darci Piana.

suas atribuições. No início deste ano, foi realizada parceria com a Central Sicredi-RS, quando foram treinados diversos colaboradores do Paraná, o que ensejou a busca de uma solução mais próxima das cooperativas paranaenses.

Em seu pronunciamento, o superintendente do Sistema Ocepar, José Roberto Ricken, destacou que o Senac e o SESCOOP realizam uma parceria importante e que começou a dar seus primeiros resultados. Para o próximo ano, foram definidas três prioridades de ação conjunta para o cooperativismo: o crédito cooperativo, o turismo cooperativo e o programa desti-

nado ao menor aprendiz. “Em todas as áreas teremos resultados concretos já neste ano, o que é muito bom para as cooperativas envolvidas”, frisou Ricken.

Estiveram presentes à solenidade coordenada pelo presidente da Central Paraná, Seno Cláudio Lunkes: o presidente da Fecomércio, Darci Piana; o diretor do Senac Paraná, Victor Monastier; o superintendente da Ocepar, José Roberto Ricken; o vice-presidente da Central, Manfred Dasembrock; o gerente de Gestão de Pessoas, Wesley Sibaldelli da Fonseca; além de colaboradores e treinandos de diversas cooperativas. ■



MELHOR GESTOR ESPECIALISTA DE FUNDOS DE RENDA FIXA.

O Guia EXAME 2005 – Os Melhores Fundos de Investimento elegeu o Banco Cooperativo SICREDI o Melhor Gestor Especialista de Fundos de Renda Fixa.

O ranking atribuiu ainda ao SICREDI FI Invest Plus Curto Prazo a cotação de cinco estrelas, pontuação máxima da avaliação, pela segunda vez consecutiva.

O Banco Cooperativo SICREDI é uma das empresas do Sistema de Crédito Cooperativo – SICREDI, o qual congrega 132 cooperativas de crédito singulares no Brasil, com 868 unidades de atendimento e mais de 900 mil associados.

Meio ambiente e cargas perigosas

Orientações sobre legislação ambiental, qualidade, gestão de custos e necessidade de seguro contra terceiros foram temas de seminário em Guarapuava

A preocupação com o transporte de cargas perigosas e a atual legislação ambiental levou 48 representantes de seis cooperativas agropecuárias e de oito do ramo transporte a participarem do II Seminário de Logística de Transporte, realizado no último dia 7 de outubro, na cidade de Guarapuava.

A necessidade de se abordar tal tema junto às cooperativas paranaenses levou o Sistema Ocepar a realizar este evento, que contou com a presença da engenheira química Ana Cláudia Cendofati, que abordou em sua palestra o risco de acidentes envolvendo produtos perigosos ou não. Segundo ela, a possibilidade de sinistros pode trazer prejuízos para a cooperativa, que precisará arcar com custos gerados pelos possíveis danos ao meio ambiente. Cargas tóxicas ou mesmo o vazamento de óleo diesel podem contaminar o solo e córregos, gerando multas pesadas. Nesses casos, a palestrante alertou as cooperativas sobre a necessidade de licenças dos órgãos competentes, como Ibama e IAP.

Eduardo Dal Ri, superintendente de Produtos da HDI Seguros, segundo palestrante do evento, abordou o tema a responsabilidade civil por danos ambientais. De acordo com ele, é necessário que os caminhões estejam seguros, pois, em caso de acidentes, as indenizações podem atingir valores enormes. Dentro desse assunto, foi tratada também a importância de seguro em



Lideranças e técnicos de cooperativas durante palestra sobre seguro

caso de danos ao meio ambiente. O presidente da Prodeg, Marco Antonio de Andrade, falou sobre a qualidade como caminho para a redução de custos e maior competitividade. O evento foi encerrado com uma palestra de Lúcio Flávio Barboza, gerente de Transportes da Coamo, com o tema “Logística voltada ao transporte frente às necessidades das cooperativas agropecuárias”.

Na avaliação de Izaías Gonçalves Lopes, assessor de cooperativismo da gerência de desenvolvimento e autogestão do SESCOOP-PR, o evento atendeu a uma demanda das próprias cooperativas sobre o assunto e o nível de palestras realizadas atingiu este objetivo. Ele ressalta que o interesse foi tanto, que, mesmo nos intervalos, foram firmados alguns negócios sobre consultorias dos profissionais da área.

OCB cria Conselho Especializado

Cooperativas de transporte têm agora o seu fórum permanente para debater os principais temas do setor

A Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), atendendo à demanda de algumas Organizações Estaduais, instituiu o ramo transporte a nível nacional, elevando-o ao mesmo patamar de ramos como o Crédito, Saúde, Consumo, Infra-estrutura, entre outros.

A efetivação aconteceu no dia 24 de outubro, com a presença de 40 lideranças do ramo transporte de diversos estados brasileiros. Foi instalado, em Brasília, o Conselho Especializado do Ramo Transporte, quando foram eleitos seus conselheiros e, para a coordenação, Nélio Botelho, do Rio de Janeiro. O conselho funciona como órgão consultivo e de assessoramento da OCB.

No Paraná, o Conselho Especializado do Ramo Transporte foi instituído pela Ocepar, em 23 de abril de 2003, desmembrando-o do ramo trabalho. O Sistema Ocepar vem desenvolvendo esforços com o objetivo de fortalecer o ramo e já promoveu dois seminários sobre logística e alguns fóruns de dirigentes das cooperativas de transporte. Nesses eventos, foram debatidos temas como contabilidade, tributação (PIS/Cofins, ICMS), pedágio, vale-pedágio, gestão, qualidade, seguro, meio ambiente, entre outros assuntos de relevância para o ramo.

A mais recente conquista foi o reconhecimento do ramo junto à Receita Federal, a fim de garantir o devido tratamento tributário ao ato cooperativo nas cooperativas de transporte, contemplado pela recente aprovação da Medida Provisória 255.



Seminário promove troca de experiências

Nos dias 25 e 26 de outubro, foi realizado o I Seminário Nacional das Cooperativas de Transporte de Cargas e Passageiros, no auditório Nereu Ramos da Câmara dos Deputados. Segundo dados da OCB, existem no Brasil cerca de 715 cooperativas de transporte registradas, que atuam com cargas e passageiros, totalizando 52,7 mil associados. O seminário discutiu os gargalos de desenvolvimento desse ramo, experiências de sucesso, o ato cooperativo e os reflexos na tributação no ramo transporte e o cenário atual do transporte.

Um dos painéis apresentados no evento abordou exemplos de cooperativismo bem sucedidos e teve a presença de cooperativas paranaenses. A intercooperação entre duas cooperativas de ramos diferentes e que atuam na mesma cidade foi objeto de discussão num painel específico. Estamos falando da parceria firmada entre a Coopercaf – Cooperativa de Transportes Rodoviários e Serviços de Cafelândia, do ramo transporte e Copacol - Cooperativa Agroindustrial Consolata do setor agropecuário.

O supervisor de transportes da Copacol, Marcos Effing, e o contador da Coopercaf, Marcélio Koehler, demonstraram os resultados positivos gerados para as duas cooperativas

graças a essa parceria comercial. A Coopercaf realiza todo transporte intermunicipal da produção de frangos dos cooperados da Copacol até o abatedouro, além do transporte de insumos da cooperativa até as propriedades. Segundo Dorival Bartizike, presidente da Coopercaf, o resultado não é só a racionalização de despesas, mas também a demonstração na prática dos princípios da cooperação. Segundo o dirigente, “o seminário foi uma ótima oportunidade para demonstrar aos parlamentares a importância que o cooperativismo representa também para o setor de transporte no País e dos exemplos que ele pode gerar”, lembrou o dirigente.

De acordo com Izaías Gonçalves Lopes, assessor cooperativista da Ocepar, que esteve presente nos dias 24, 25 e 26 de outubro, em Brasília, foi importante o evento ter acontecido nas dependências do Congresso Nacional, assim possibilitou uma expressiva participação de deputados de diversos partidos. Os representantes do ramo transporte aproveitaram também para visitar diversos parlamentares em seus gabinetes, pedindo apoio para a aprovação de medidas que resolvam diversas questões que envolvem o setor de transporte, em especial, as cooperativas.

INDICADORES ECONÔMICOS

Balança comercial fecha o mês de setembro com o segundo maior superávit do ano

No período de janeiro a setembro de 2005, as exportações do setor de agronegócio tiveram um aumento de 8,7% sobre o mesmo período do ano passado, fechando em US\$ 32,48 bilhões. Os setores agropecuários com maior aumento nas exportações, no período de janeiro a setembro de 2005, quando comparados ao mesmo período do ano passado, foram o sucro-alcooleiro com 56,8% e um

total exportado de US\$ 3,46 bilhões no ano, e o café com 54,2% e um total de US\$ 1,97 bilhões no ano. De janeiro a setembro de 2005 as exportações do complexo soja atingiram US\$ 7,40 bilhões, com um declínio de 15,2% sobre o mesmo período do ano passado. O setor de carnes nesse mesmo período aumentou as exportações em 33%, chegando a exportar um total de US\$ 5,97 bilhões.

INDICADORES CONJUNTURAIS DA ECONOMIA

ÚLTIMOS 12 MESES

Indicadores	Unidade	Set 05	Ago 05	Jul 05	Jun 05	Mai 05	Abr 05	Mar 05	Fev 05	Jan 05	Dez 04	Nov 04	Out 04	Set 04	Ano 04	Ano 03	Ano 02	Ano 01	Ano 00
Taxa inflação	IPCA	0,35	0,17	0,25	-0,02	0,49	0,87	0,61	0,59	0,58	0,86	0,69	0,44	0,33	7,60	9,30	12,53	7,67	5,97
	IGP-Di	-0,13	-0,79	-0,40	-0,45	-0,25	0,51	0,99	0,40	0,33	0,52	0,82	0,53	0,48	12,13	7,66	26,41	10,40	9,80
Taxa desemp.	%	9,60	9,40	9,40	9,40	10,20	10,80	10,80	10,60	10,20	9,60	10,60	10,50	10,90	11,48	12,32	7,14	6,23	7,14
Taxa de câmbio	R\$/US\$	2,29	2,36	2,37	2,41	2,45	2,58	2,70	2,60	2,69	2,72	2,79	2,85	2,89	2,93	3,08	2,92	2,35	1,83
Taxa Selic	%	19,61	19,75	19,72	19,75	19,61	19,32	18,97	18,47	17,93	17,51	16,97	16,41	16,10	17,51	23,37	20,44	19,05	16,19
TJLP	%	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75	11,01	10,00	10,00	9,75
TR	%	0,264	0,347	0,258	0,299	0,253	0,200	0,264	0,096	0,188	0,240	0,115	0,111	0,173	0,150	0,379	0,231	0,189	0,173
Balança Com.	Bi US\$	4,33	3,67	5,01	4,03	3,45	3,87	3,35	2,78	2,18	3,51	2,08	3,00	3,17	33,67	24,79	13,12	2,65	-0,70
Res. Internac.	Bi US\$	57,01	55,08	54,69	59,88	60,71	61,59	61,96	59,02	54,02	52,93	50,13	49,42	49,5	52,93	46,56	37,06	35,87	33,01

Fonte: FGV, IBGE, Bacen, Mdic. Elaboração: Ocepar/Getec - 2005.

INDICADORES CONJUNTURAIS DA ECONOMIA

ÚLTIMOS 12 MESES

Indicadores	Unidade	Set 05	Ago 05	Jul 05	Jun 05	Mai 05	Abr 05	Mar 05	Fev 05	Jan 05	Dez 04	Nov 04	Out 04	Set 04	Ano 05*	Ano 04	Ano 03	Ano 02	Ano 01	Ano 00
Algodão caroço	R\$/@	13,19	13,16	13,13	13,04	13,12	13,00	12,94	13,19	14,29	14,59	14,79	14,91	14,89	13,23	17,03	17,50	9,96	8,28	13,19
Café em coco	kg/renda	3,23	3,41	3,54	3,83	3,97	3,96	4,13	3,84	3,45	3,27	3,02	2,85	2,73	3,71	2,82	2,31	1,56	1,42	3,23
Milho	R\$/Sc	14,55	15,02	15,87	15,95	15,97	16,26	15,78	13,38	13,02	12,71	13,49	14,23	15,03	15,09	15,53	15,73	13,90	8,31	14,55
Soja	R\$/Sc	25,68	27,61	29,12	29,19	27,81	29,20	31,76	27,01	29,15	28,90	29,50	30,97	34,54	28,50	38,42	37,42	25,69	19,06	25,68
Trigo	R\$/Sc	18,20	19,55	19,73	20,23	21,78	22,93	20,78	19,18	19,60	20,05	20,76	21,33	22,59	20,22	24,51	27,24	29,49	15,65	18,20
Cana-de-açúcar	R\$/t	28,61	28,65	28,06	27,70	27,89	27,87	27,78	28,22	28,01	28,46	27,97	27,03	26,45	28,09	25,77	26,04	20,02	21,06	28,61
Mandioca	R\$/t	90,54	93,18	95,55	106,71	124,35	128,03	136,35	164,82	187,89	211,59	226,64	234,08	236,73	125,27	238,10	197,95	59,08	45,12	90,54
Boi gordo	R\$/@	47,70	48,47	49,95	50,08	50,53	51,05	52,37	53,93	55,77	56,84	56,65	55,77	56,75	51,09	55,89	54,14	45,41	40,21	47,70
Frango vivo	R\$/kg	1,38	1,38	1,37	1,36	1,37	1,37	1,35	1,33	1,40	1,62	1,51	1,47	1,40	1,37	1,44	1,37	1,02	0,86	1,38
Leite cota	R\$/l	0,43	0,46	0,51	0,52	0,51	0,50	0,48	0,47	0,46	0,47	0,48	0,49	0,49	0,48	0,45	0,41	0,30	0,28	0,43
Suíno raça	R\$/kg	2,13	2,09	1,99	1,89	1,88	2,27	2,55	2,53	2,51	2,75	2,68	2,62	2,67	2,21	2,24	1,59	1,17	1,23	2,13

Fonte: Seab/Deral, Elaboração: Ocepar/Getec - setembro/2005. Preços médios mensais recebidos pelos produtores paranaenses *Média simples jan a set 2005.

INDICADORES DO COOPERATIVISMO

Indicadores	2000	2001	2002	2003	2004
Faturamento (bilhões R\$)	6,49	8,02	11,21	15,50	18,00
Cooperativas (unidades)	194	193	202	204	210
Cooperados (unidades)	243.224	245.884	266.523	293.579	348.000
Colaboradores (unidades)	28.460	30.421	32.693	39.059	45.000
Exportações (milhões US\$)	355,42	633,82	643,87	800,00	1.000,00
Investimentos (milhões R\$)	-	300	350	450	780
Participação no PIB do Paraná	9,70%	10,50%	13,30%	16,50%	18,00%
Participação no PIB agropecuário do PR	47,00%	55,00%	52,00%	53,00%	55,00%

Fonte: Ocepar/Getec. O PIB do Paraná em 2003 foi de R\$ 94,17 bilhões e o valor bruto da produção agropecuária no Paraná foi de R\$ 28,01 bilhões.



Preços agrícolas caem e dos insumos sobem

No último ano, a queda no preço dos produtos agrícolas foi maior que a ocorrida nos insumos. Entre os meses de setembro de 2004 e setembro de 2005, os preços dos fertilizantes, divulgados pelo SEAB/Deral, sofreram queda, ao redor de 15 a 20%. Neste mesmo perí-

odo, ainda segundo o SEAB/Deral, o preço dos inseticidas e acaricidas caíram cerca de 8%, enquanto que os preços pagos pelos herbicidas caíram em média 11%. O preço da soja, por exemplo, caiu 26%, o do trigo 20% e o do milho mais de 3%. Esta relação entre preços dos insumos e preços dos pro-

duto agrícolas tem causado uma diminuição no poder de compra das *commodities*. Desta forma, a relação de troca destes produtos no Estado do Paraná vem crescendo, ou seja, a quantidade de sacas de produto necessária para comprar uma unidade de insumo vem aumentando. ■

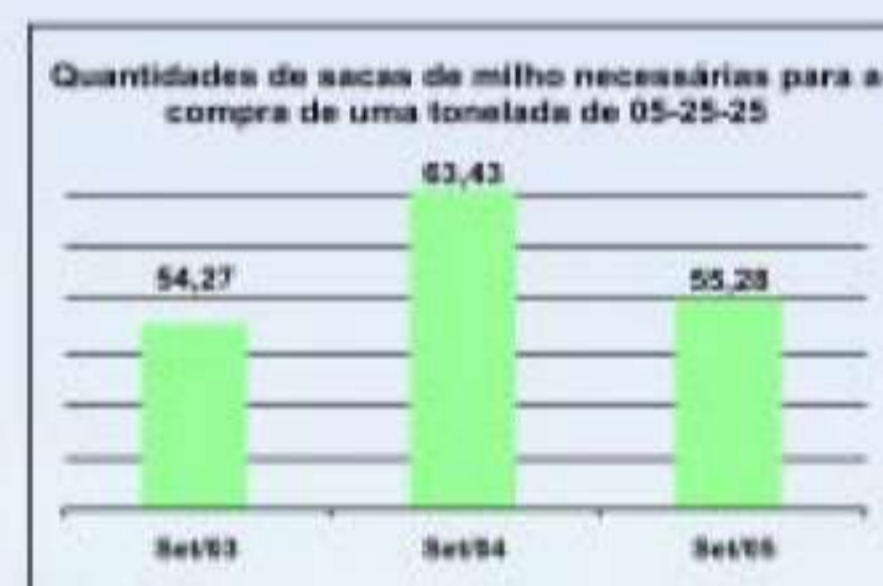
SOJA X INSUMOS



MILHO X INSUMOS



TRIGO X INSUMOS



SOJA X MAQUINÁRIO



MILHO X MAQUINÁRIO



TRIGO X MAQUINÁRIO





Ênfase no conhecimento sem esquecer o SOCIAL

Capacitação de colaboradores e cooperados é a chave para o crescimento

Com a finalidade de estreitar ainda mais a interação com as cooperativas na definição de prioridades para o próximo ano é que o Sistema Ocepar/Sescoop-PR reuniu no dia 5 de outubro, em Curitiba, os agentes de Desenvolvimento Humano das cooperativas paranaenses.

O agente funciona como um organizador do processo de formação humana ao realizar o diagnóstico organizacional da cooperativa onde trabalha, levantando as necessidades de treinamento, elaborando o plano de desenvolvimento humano, para que assim possa planejar as ações de treinamento e promoção social. Hoje, são mais de 50 profissionais atuando nas cooperativas do Paraná, o que demanda a necessidade de padronização dos processos, para que se possa medir resultados.

Os agentes, além de responsáveis

pela otimização dos recursos que chegam às cooperativas via Sescoop Paraná, também realizam as prestações de contas junto ao sistema. Nas ações descentralizadas – aquelas que visam atender às necessidades de uma determinada cooperativa –, o Sescoop Paraná define um orçamento proporcional ao montante arrecadado pela cooperativa à instituição. A partir desse montante é que os agentes são treinados e capacitados pelo Sescoop Paraná para desempenhar a função.

Dos recursos arrecadados pela cooperativa e que retornam ao Sescoop, aproximadamente 60% são novamente destinados às cooperativas para ações de treinamentos e promoção social, fazendo com que o recurso retorne à sua origem, beneficiando diretamente as pessoas responsáveis pela geração da contribuição.

De acordo com Leonardo Boesche, gerente de Desenvolvimento Humano do Sistema Ocepar, a função do agente foi



uma forma inteligente que o cooperativismo do Paraná encontrou para multiplicar a sua capacidade de atuação. Ele lembra que somente com o apoio dessa “rede” de profissionais é que tem sido possível realizar tantos treinamentos. Outra preocupação, segundo Boesche, é que o planejamento desse setor precisa ser discutido exaustivamente para que na sua execução não haja acúmulo de projetos em determinado mês, em detrimento de outros. Por isso, são realizados replanejamentos durante o ano. Apesar dos avanços, Boesche pediu para que os projetos fossem mais bem distribuídos ao longo dos 12 meses. Segundo ele, as metas para 2005 já foram alcançadas antes do final do ano e isso se deve ao trabalho constante junto às cooperativas e seus profissionais, seja através de encontros como esses ou mesmo por contatos diários.

Para 2006, os agentes manifestaram a vontade de aperfeiçoar ainda mais o sistema adotado, com uma melhor gestão do conhecimento, capacitação e mais atenção para o lado social. Na opinião do assessor de cooperativismo Eder Gomes, da Coagru, em Ubiratã, as reuniões com os

agentes têm grande relevância. “A avaliação do nosso planejamento, a comparação com o realizado e o que ainda precisa ser feito é muito importante”, observou. Gomes acredita no potencial de crescimento relativo ao quadro social das cooperativas, aliado aos investimentos em capacitação, como mestrados e MBAs.

Altiva Salles, analista de Recursos Humanos da cooperativa Agrária, de Guarapuava, destacou o caráter educativo das reuniões. “Nas reuniões, temos a oportunidade de aperfeiçoar cada vez mais o modelo existente”, apontou. Ela conta que já foi feito o diagnóstico para 2006 da Agrária, e que os recursos do Sescoop – facilitador dos projetos – serão necessários para a capacitação de pessoal. Já Arlita Matté Zanini, responsável pelo Desenvolvimento Humano da Frimesa, de Medianeira, avaliou que nas reuniões é possível afinar a relação com as cooperativas. “Falamos a mesma língua. Tiramos dúvidas, esclarecemos, o Sescoop nos mostra as mudanças e as facilidades disponíveis, e os agentes têm a oportunidade de apresentar suas dificuldades e sugestões”, disse. ■



SESCOOP PARANÁ

PROJETOS

2004

528
realizados

2005

570
até 31 de outubro

EVENTOS

2004

1.266
realizados

2005

1.451
até 31 de outubro

HORAS

2004

18.743
horas realizadas

2005

19.500
horas até 31 de outubro

PÚBLICO

2004

72.364
pessoas treinadas

2005

59.000
pessoas até 31 de
outubro de 2005
(meta é de 60 mil pessoas)

Aftosa:

dor de cabeça, prejuízos e incertezas...

Em maio de 2000, o Paraná foi reconhecido pela Organização Mundial da Saúde como área livre da febre aftosa conforme publicado no Informativo Paraná Cooperativo

O certificado alavancou a produção e a exportação de carnes no Estado. Ao mesmo tempo em que a Ocepar estimulava o investimento na modernização da pecuária, atuava também junto ao poder público solicitando a realização de investimentos em programas intensivos de sanidade animal.

O esforço da Ocepar, em parceria com outras entidades como a Faep, teve bons resultados, tanto para os produtores como para o País. De 1999 a 2004, o Paraná aumentou a receita da exportação de carne bovina em mais de 230%, saltando de US\$ 30,6 milhões para US\$ 101,5 milhões.

Uma declaração do então secretário estadual da Agricultura, Antônio Poloni, resume bem o desafio que estava implícito com a conquista do certificado: “conseguimos apenas

abrir uma porta, agora precisamos ter competência para chegar com qualidade e competitividade a esse concorrido mercado”. Cinco anos depois desta conquista, a suspeita de febre aftosa em quatro municípios do Paraná cai por terra todos os avanços alcançados.

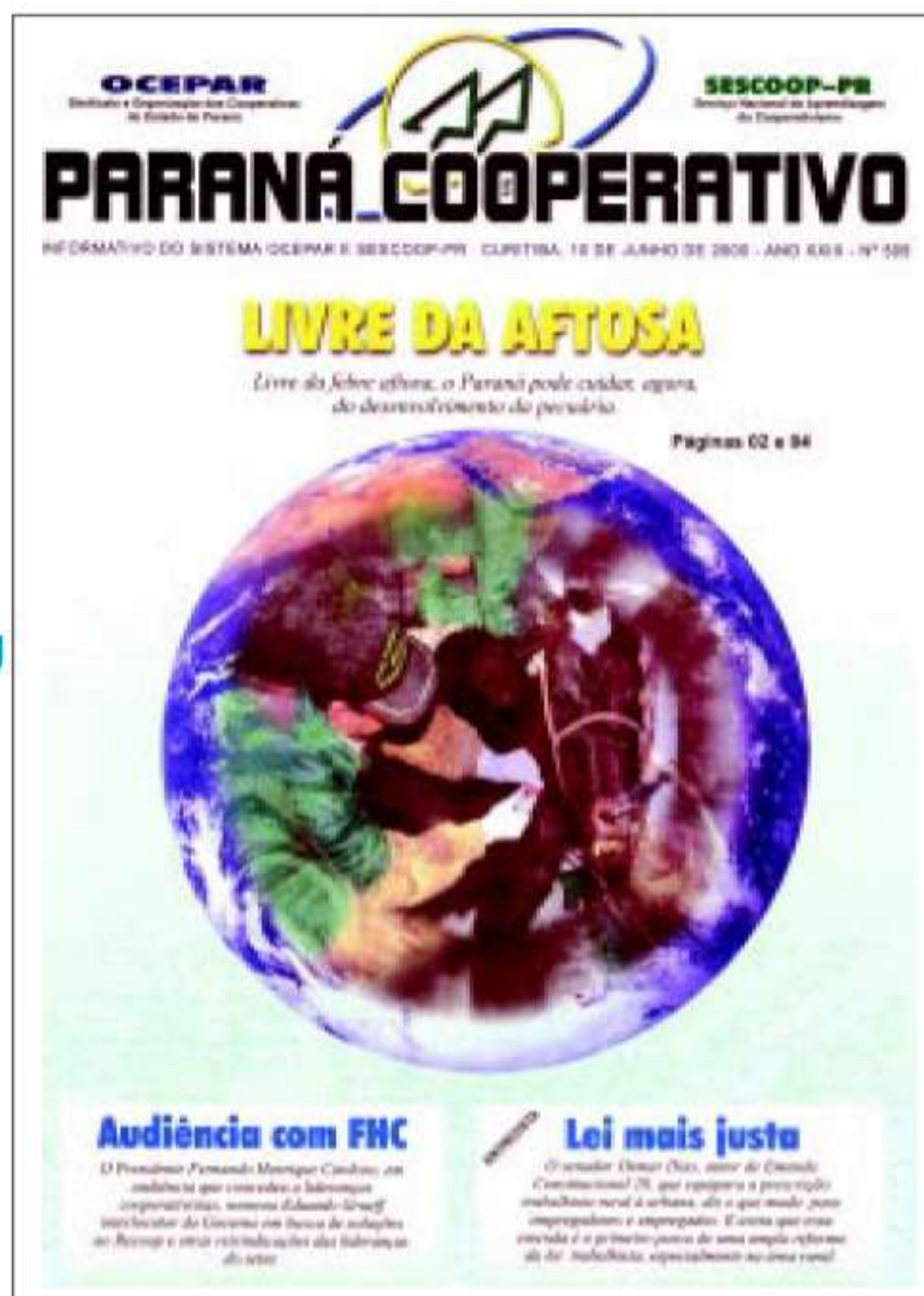
No último dia 10 de outubro, a confirmação de focos de febre aftosa em Mato Grosso do Sul desencadeou um processo de embargo à carne brasileira pelo mercado internacional.

Vários países, dentre eles, Chile, Paraguai, África do Sul, Israel, Rússia e União Européia, informaram que as compras da carne brasileira estão suspensas. Essa decisão provocou uma redução nas exportações do produto da ordem de 100 milhões de dólares, somente no mês de outubro de 2005. No mercado interno, a situação também ficou complicada, pois nas regiões onde há focos de aftosa (Mato

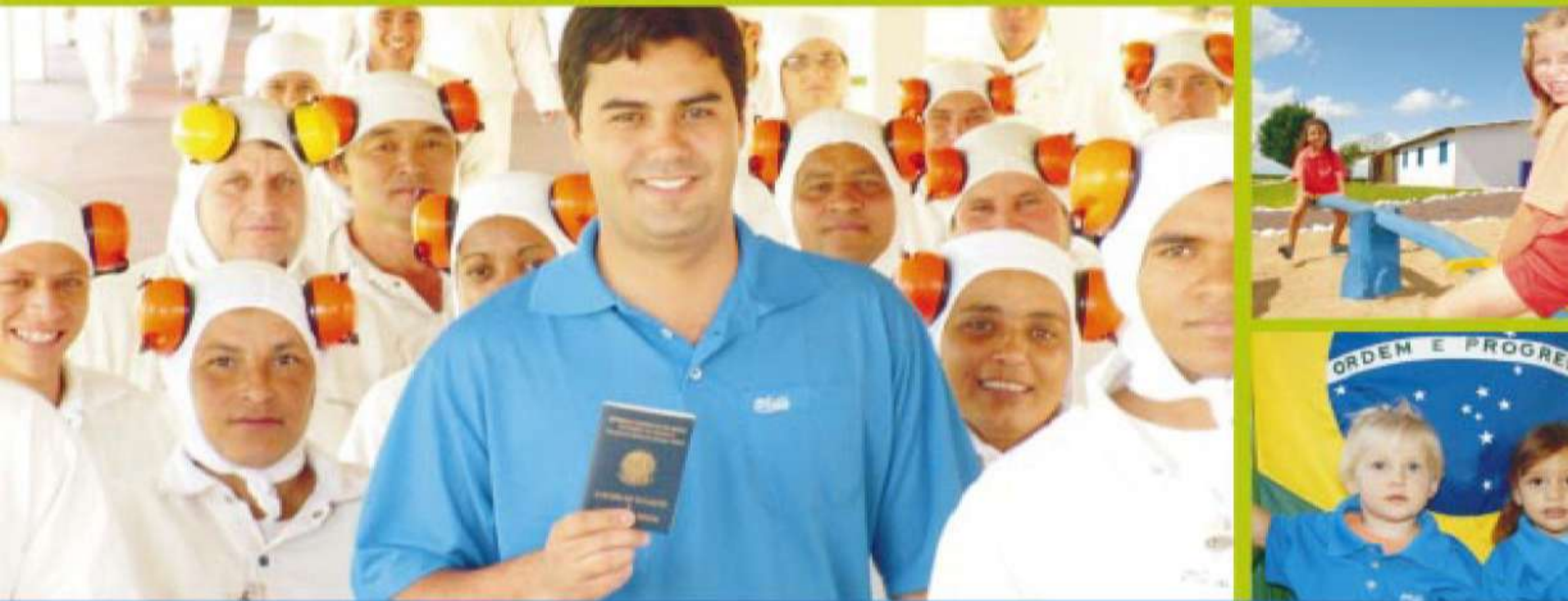
Grosso do Sul) ou suspeita (Paraná), o trânsito de animais, produtos ou subprodutos derivados foi restringido, em consequência, os produtores e a economia regional estão sofrendo.

A Secretaria da Agricultura do Paraná, juntamente com o Ministério da Agricultura, tomou medidas para conter a disseminação da aftosa, que consistem em isolar as áreas com focos ou suspeitas, impedindo o trânsito de produtos, e desinfecção de veículos e até de pessoas que transitaram pelas áreas de risco. O desafio agora é unir forças, entre entidades privadas e governo para reverter este quadro.

No Paraná, a campanha de vacinação de novembro tem como meta atingir 100% do rebanho (10,2 milhões de cabeças), a fim de que todos os animais sejam imunizados, reduzindo o risco do surgimento de aftosa. ■



**Estamos plantando hoje
o futuro deste país.**



2.000 novos empregos até o final de 2006

Mais tributos para os municípios

Mais renda para os associados

Responsabilidade social



A NATUREZA ESTÁ PRECISANDO DE UMA MÃOZINHA.

PROTEJA OS RIOS EM SUA PROPRIEDADE
COM MATA CILIAR.



O FUTURO DO
PLANETA AGRADECE.

